

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

17

DEZEMBRO 2012

www.candido.bpp.pr.gov.br

Prêmio Paraná
de Literatura:
Leia trechos dos três
livros vencedores do
concurso

Literatura tipo exportação

Ficção brasileira ultrapassa fronteiras e conquista espaço no exterior, impulsionada por projetos de incentivo à tradução e coletâneas que divulgam as novas vozes literárias

• Entrevista | Oscar Nakasato • Serafim bailarino | Luís Henrique Pellanda • Um escritor na Biblioteca | Edney Silvestre •

EDITORIAL

Nos últimos anos, um movimento que envolve editoras, o poder público e escritores, tenta alavancar a difusão da literatura brasileira no exterior. Depois dos fenômenos Jorge Amado e Paulo Coelho, dois dos autores nacionais mais conhecidos no mundo, outros escritores têm conseguido êxito em mercados editoriais estrangeiros.

De Milton Hatoum, traduzido em 12 países, a Alberto Mussa, com nove traduções de sua obra, a literatura brasileira, aos poucos, avança em territórios até então inóspitos. A razão desse avanço, em grande parte, se deve ao dinamismo experimentado pelo mercado editorial brasileiro nas últimas décadas, com o surgimento de mais editoras e, conseqüentemente, mais agentes interessados em vender a literatura brasileira a outros países. Por outro lado, ações do Estado, como o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior e a criação da *Revista Machado*, ambos coordenados pela Fundação Biblioteca Nacional, também ajudam na proliferação da ficção nacional pelo mundo.

O **Cândido** ouviu editores, escritores e tradutores que debateram o tema em matérias e entrevistas publicadas no especial de capa. Berthold Zilly, tradutor de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, concede uma grande entrevista sobre os desafios de verter ao seu idioma *Grande sertão: veredas*. Também fala sobre o interesse do leitor alemão pela literatura brasileira. A edição ainda traz perfil do ator curitibano Guilherme Weber e texto que desvenda a trajetória de *Tanto faz*, o clássico de Reinaldo Moraes, na seção “Making of”.

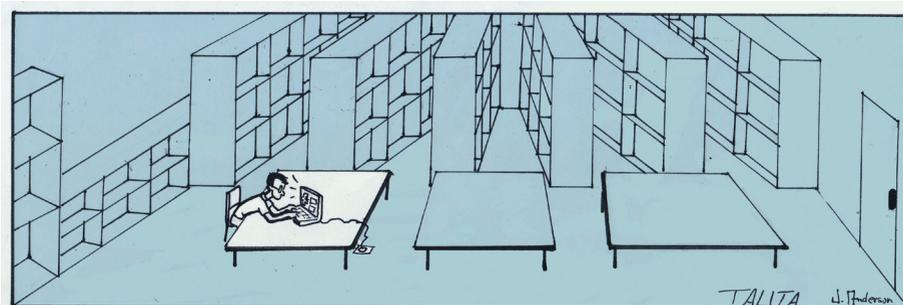
Entre os inéditos, **Cândido** publica em primeira mão trechos dos livros ganhadores do Prêmio Paraná de Literatura. O curitibano Luís Henrique Pellanda também aparece com conto “Serafim bailarino”, na seção “Em busca de Curitiba”. Boa leitura.

OFICINA BPP DE ILUSTRAÇÃO – TIRAS

DEIVID SOUZA



TALITA SELIS E JANDERSON



TIAGO SILVA



CARTAS

Reitero, antes de tudo, a grande admiração – não poderia ser de outra forma, tal a qualidade da publicação – pelo **Cândido**, que recebo regularmente, para meu gáudio e sobretudo para a absorção de preciosas informações. Venho aqui cumprimentá-los pela excelente matéria acerca do cinema e sua relação com a literatura.

Mauro Rosso – Via e-mail.

Conheci o **Cândido** quando o jornal já tinha cinco edições. Desde então, não parei mais de acompanhar. Tive dúvidas a respeito do seguimento da publicação. Mas hoje vejo que o jornal, cada dia melhor, veio para ficar.

Marcelo Rubens Garcia – Via e-mail.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Camila Feiler, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Marcio Renato dos Santos, Omar Godoy e Tatjana Garcia.

Fotografia:

Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

Colaboradores desta edição:

Alexandre Vidal Porto, Deivid Souza, Felipe Rodrigues, Guilherme Caldas, Irineo Baptista Netto, José Roberto Torero, J. Anderson, Lila Maia, Luís Henrique Pellanda, Manuel Depetris, Robson Vilalba, Talita Selis, Tiago Silva e Yan Sorgi.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974
www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h
Contato: (41) 3221-4900

BIBLIOTECA AFETIVA

O livro que mais me marcou foi *Moby Dick*, do Herman Melville. Trata-se de, teoricamente, um romance que, em verdade, foi gerado por uma convivência de 14 anos que o autor teve com o mar, embarcando em navios baleeiros. O livro anda sendo psicologizado por freudianos; mas é uma grande reportagem.

Claudio Tognoli é jornalista e escritor, autor de nove livros, co-autor da biografia do cantor e compositor Lobão, *50 anos a mil*. Músico, também leciona na Escola de Comunicação e Artes na Universidade de São Paulo (USP). Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

Avalovara é o nome do romance de Osman Lins publicado em 1973. Não é muita gente que conhece e teve paciência de lê-lo. O autor, um professor de letras, morreu há quase 40 anos. Escrevia bonito, de doer. Às vezes, quando perco alguma esperança, leio de novo. A esperança começa a escorrer pelas paredes. E, de repente, como no livro, vira um leão. O livro é cheio de cidades, de pessoas, de astros e de estrelas. Uma ilha em si. É pra lá que eu vou quando, feito um palíndromo, o medo é o nome do mundo.

Marcia Tiburi é escritora, filósofa e professora universitária. É autora, entre outros livros, dos romances *O manto* e *Magnólia*. Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

Para os meus doze anos, o livro parecia ser apenas outro exemplar retirado da Biblioteca Municipal de Ponta Grossa. No entanto, foi no livro de Máximo Gorki chamado *Como aprendi a escrever* que passei a me perguntar qual era minha capacidade em entender a filosofia de vida e os dilemas de quem eu julgava diferente de mim. Escrever logo deixaria de ser a gramática dos exames bimestrais para se tornar um campo de testes do prático e do simbólico, misto de desejo e coragem. Foi por uma dessas páginas, a primeira vez em que eu tomava conhecimento de alguém ter inveja de mendigos. Tudo porque o escritor se dizia incapaz de virar as costas para as convenções sociais como eles conseguiam. Com esse tipo de interpretação, Gorki me teletransportou da poltrona para o espaço sideral.

Ben-Hur Demeneck é jornalista e doutorando em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Foi editor do jornal cultural *Grimpa*. Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

Em *Feliz ano velho*, Marcelo Rubens Paiva apresenta uma trama que tem pontos de contato com a realidade, e o seu próprio drama existencial. O personagem central, após mergulhar em um lago, fica tetraplégico. A narrativa problematiza o enfrentamento e a superação do trauma, que ocorreu após o personagem se deparar com o desaparecimento do pai, um militante político que foi cassado e perseguido pela ditadura militar. O autor possui outros romances, como *Blecaute*, *Ua:brari* e *Bala na agulha*.

Bruno José Leonardi é bibliotecário e chefe da Seção Infantil da BPP. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

CURTAS DA BPP

Revista *Helena* tem evento de lançamento em Londrina

Já está circulando a nova edição da revista *Helena*, cujo segundo número é dedicado ao Norte do Paraná. O lançamento da revista foi feito em Londrina, no dia 29 de novembro. Criada para ser mais um canal de divulgação da cultura paranaense, o número 1 (que sucede o zero) traz narrativas sobre a influência britânica na colonização do Norte do Estado, a importância do transporte ferroviário para o desenvolvimento regional e a onda de prosperidade proporcionada pelo ciclo do café, ameaçada pelas geadas que a marcaram como cicatrizes. Também resgata a inquietação política e cultural dos primeiros tempos, determinantes para a compreensão de fenômenos atuais. A publicação ainda investiga as mais de 30 etnias que constituíram uma Torre de Babel no sertão paranaense, compartilha o olhar de quem testemunhou momentos fundadores ou cruciais, e não deixa de lado as memórias afetivas de grandes nomes da literatura paranaense ligados à terra vermelha. Com tiragem de 5 mil exemplares, *Helena* tem distribuição gratuita e é dirigida a bibliotecas e instituições culturais de todo o Brasil.



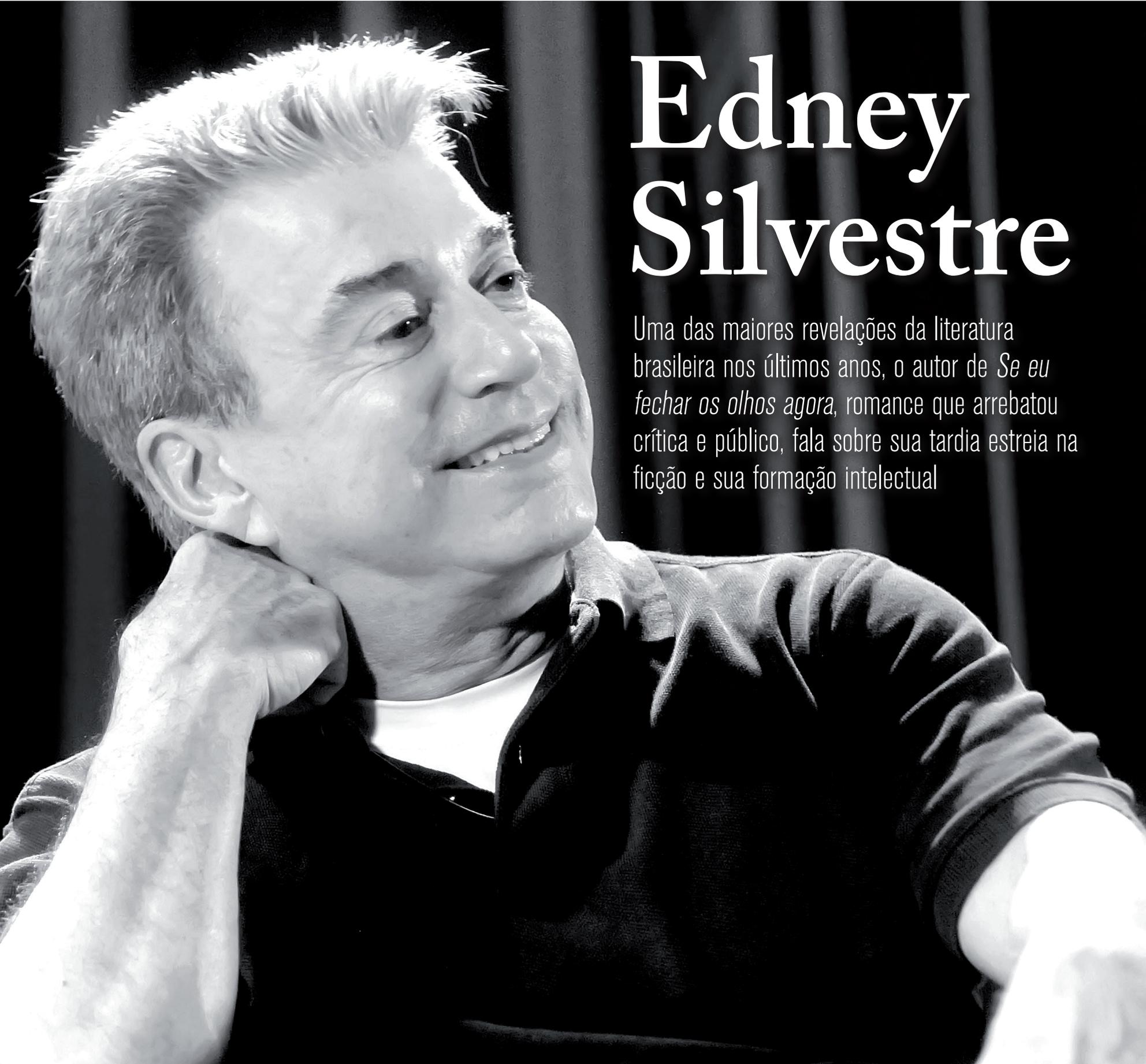
Reprodução

Novo projeto arquitetônico da BPP

A Biblioteca Pública do Paraná divulgou o projeto de reforma do prédio histórico. O arquiteto Manoel Coelho, responsável por projetos de importantes bibliotecas de Curitiba, foi o responsável pela reformulação do espaço. Entre as mudanças propostas, destaca-se o fechamento das laterais do prédio e a troca de todo o mobiliário das salas. Além disso, o Hall Térreo abrigará um café e um espaço exclusivo para exposições e lançamentos de livros. A seção infantil, que já passou por uma reformulação, também terá novos equipamentos. O custo total da obra será de R\$ 7,5 milhões. As fotos do projeto estão disponíveis no site da BPP: www.bpp.pr.gov.br.

BPP recebe último encontro do projeto “De Caso Com a Palavra”

Nos dias 10 e 11 de dezembro, a escritora Cléo Busatto ministra, no Museu Paranaense oficinas do projeto “De Caso com a Palavra”. O encontro é voltado aos profissionais de Bibliotecas e mediadores de leitura. O projeto, de autoria de Cléo Busatto, tem o apoio, por meio da Biblioteca Pública do Paraná, da Secretaria da Cultura do Paraná (SecC). Curitiba é a última cidade do circuito — que envolveu 16 municípios do Estado —, cujo objetivo é transformar os participantes em multiplicadores da leitura. “Mais de 400 pessoas, representando 104 municípios do Paraná, receberam a formação”, explica Cléo.

A black and white photograph of Edney Silvestre, a middle-aged man with short, light-colored hair, smiling and looking upwards and to the right. He is wearing a dark, long-sleeved shirt over a white t-shirt. His right hand is resting on his neck. The background is dark and out of focus.

Edney Silvestre

Uma das maiores revelações da literatura brasileira nos últimos anos, o autor de *Se eu fechar os olhos agora*, romance que arrebatou crítica e público, fala sobre sua tardia estreia na ficção e sua formação intelectual

Ancora do programa Globo News Literatura, Edney Silvestre, há vários anos, vem acompanhando todos os movimentos da indústria do livro no Brasil. Já entrevistou alguns dos nomes mais destacados da cena literária brasileira, de Cristovão Tezza a Felipe Pena, de Bernardo Carvalho a Paulo Coelho. Mas, a partir de 2010, a situação, e a condição de Silvestre, se modificou. Seu livro de estreia, *Se eu fechar os olhos agora*, venceu o Prêmio Jabuti, na categoria romance, e o Prêmio São Paulo, na categoria estreante. O livro foi publicado em Portugal, na Sérvia e na Holanda. Em 2013, também estará disponível para os leitores da França, Grã-Bretanha, Alemanha e Itália. Silvestre falou sobre esse livro, passaporte para o universo literário, em uma edição do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. No evento, que teve a medição do jornalista Yuri Al’Hanati, da *Gazeta do Povo*, Silvestre também falou sobre seu segundo romance, *A felicidade é fácil* (2011), e contou sobre o início de sua experiência de leitor, na cidade onde nasceu, Valença, no Rio de Janeiro, em 1950. Também revelou como superou as dificuldades da dislexia e do raquitismo, além de falar sobre música, a íntima relação entre jornalismo e literatura e alguns autores que admira, entre os quais Jack London, Joseph Conrad e Thomas Mann. Em um dos momentos mais intensos da conversa, Silvestre disse que foi após um encontro com José Saramago que ele decidiu, de fato, se dedicar à literatura. “O encontro com o Saramago foi inspirador. Comecei a perceber que vários autores haviam estreado tardiamente. O Saramago foi um desses casos. Me dei conta que, o que eu fazia, ninguém mais fazia. Não era melhor nem pior: era uma história que eu contava de uma maneira que nenhuma outra pessoa poderia fazer”, confessou, emocionado. Ele assumiu a sua paixão por teatro, falando das peças que escreveu e as que está escrevendo. A seguir, os principais momentos do bate-papo.

A descoberta da leitura

Quando eu tinha uns cinco anos, tive raquitismo. Naquele contexto, não podia andar e então me traziam livros. Ainda não sabia ler, mas comecei a distinguir letras e palavras. Não sei quando, exatamente, comecei a ler. Depois, voltei a andar e descobri a Biblioteca Pública da cidade onde nasci, Valença, no Rio de Janeiro. Eu frequenta, emprestava livros sem distinguir o que deveria ler. Não havia orientação. Na escola, tive uma professora que dizia que é importante ler. Eu gostava muito de história em quadrinho.

A capa é uma isca

Eu costumava escolher os livros pelas capas. Uma vez, peguei um que, na capa, tinha um lobo no Alasca e o nome da obra era *Caninos brancos*. Li e fiquei embasbacado com o livro. Guardei o nome do escritor: Jack London. Mas não tinha ideia de que se tratava de um grande escritor, apenas era o autor de uma obra da qual eu tinha gostado muito. Pouco depois, encontrei uma adaptação de *Lord Jim*, de um autor chamado Joseph Conrad. Achei extraordinário, mas também não sabia que era um gigante das letras. Eu me sentia muito esquisito em Valença, devido aos interesses, principalmente leitura, e por ser péssimo nos esportes, o que me separava da maioria.

Tonio Kröger

Depois de um tempo, descobri por acaso, na Biblioteca de Valença, um livro sobre um rapaz que vivia em uma cidade do interior que se sentia exatamente como eu. Até então, achava que eu era o único desajustado, que tinha de mudar e agir de outra maneira. Mas não. Graças ao livro *Tonio Kröger*, do Thomas Mann, me dei conta de que há pessoas que se diferem das outras.

O encontro marcado

Quando tinha 15 anos, tive o

grande prazer de descobrir *O encontro marcado*, do Fernando Sabino. Foi uma ótima descoberta. Infelizmente, ao longo do tempo a Biblioteca Pública de Valença foi desmantelada, os livros foram colocados em caixas e distribuídos por diversas repartições da prefeitura da cidade. Em 2010, venci o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria estreante, e recebi um convite da Secretaria da Cultura de São Paulo para visitar cidades do interior de São Paulo que possuem bibliotecas. Foi extraordinário. Fiquei com inveja e com pena, porque, em Valença, deveria ter biblioteca, mas a cidade perdeu isso.

Leituras e novas descobertas

Do Jack London, do Joseph Conrad e do Thomas Mann, que conheci quando comecei a ler, gosto até hoje. Passei 12 anos fora do Brasil e, quando voltei, em 2002, tive três descobertas, que me surpreenderam: Luiz Ruffato, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum. Eles me apresentaram um outro Brasil por meio da ficção.

Um leitor em Nova York

Quando me mudei para os Estados Unidos, em 1990, levei três livros: *O encontro marcado*, do Fernando Sabino, *Tonio Kröger*, do Thomas Mann, e um roteiro em francês do filme *Asas do desejo*, do Wim Wenders. Lá, comprei muito livro. Em Nova York, tem uma livraria que comercializa livros novíssimos, que os resenhistas leem e, então, repassam. Lembro de ter saído de lá com duas sacolas de livros pesadas, e eu gastei apenas US\$ 14. Me senti um milionário.

Biblioteca pessoal

Tenho o maior cuidado com a minha biblioteca. Meus livros estão desorganizados. Consegui ordenar apenas os volumes de literatura brasileira contemporânea. Tem muito livro de teatro na minha biblioteca. Gosto de tea-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

tro, de ler obras de teatro. O teatro teve muita importância na minha formação. É um prazer. De vez em quando, vou lá e pego algum título. Recentemente, perdi um amigo querido, algo inesperado. Quando soube da morte dele, fui direto na estante de poesia e peguei um exemplar do *Sentimento do mundo*, do Drummond, e encontrei uma frase que diz que a vida é tênue. Vou, inclusive, usar a frase como epígrafe do meu próximo romance. O importante é que o livro me confortou. A literatura sempre me ampara em situações adversas.

Um tradutor na imprensa

Cheguei ao jornalismo por ser tradutor. Traduzia porque precisava me sustentar. No começo, eu traduzia histórias em quadrinhos. Esse trabalho me proporcionou rapidez para reconhecer e traduzir diálogos. Afinal, as histórias em quadrinhos são, basicamente, diálogos que fazem o enredo avançar. Hoje, as HQs estão mais sofisticadas, mas às vezes há páginas e páginas sem texto.

Realidade e ficção

No Brasil, a ficção é mais comportada do que a realidade. No que diz respeito a meu primeiro livro, *Se eu fechar os olhos agora*, o enredo surgiu de uma nostalgia de pessoas que eu tinha perdido, e também a partir de uma história que me angustiava, de uma mulher brutalmente assassinada e mutilada, ao contrário do enredo do segundo romance, *A felicidade é fácil*, totalmente inspirado em fatos reais. Em 2003, 2004, quando estourou o escândalo do mensalão, comecei a me dar conta de que eu iria morrer sem ver o país que eu sonhava. Não foi por esse país que meus amigos foram torturados, desapareceram, morreram. Tinha a censura, inclusive, dentro de jornais e revistas. Passamos por tudo isso para chegar ao mensalão?



Pouca realidade

Não aceito o fato de um leitor abrir um livro no Brasil e não ter ideia de em que época aquele enredo se passa. Os fatos alteram a vida das pessoas. No romance *A felicidade é fácil*, há um contexto cruel: o Plano Collor, que destruiu milhões de vidas no Brasil. Quando lancei esse romance, muita gente disse que nenhum outro livro, no país, situa aquele contexto, nem mesmo o momento das Diretas-Já, que entra no livro por meio de um *flashback*. Eu não acreditava, afinal, teria de haver outro livro de ficção que incorporasse esses episódios recentes da realidade.

Na ilha com Saramago

Antes de escrever meus romances, fui à ilha de Lanzarote para entrevistar o José Saramago. Eu já admirava o Saramago. Mas, durante a entrevista, ele me arrebatou. Disse que não tinha cultura, que estudou até os 16 anos e se tornou mecânico. O Saramago consertava carros e, então, modestamente, apresentou o seu primeiro romance a um editor. O sujeito não só modificou o que ele tinha escrito, como trocou o título, não lembro qual era o original, por um outro, que o Saramago tinha horror. O Saramago parou de escrever, e só retomou a escrita depois dos 50 anos, quando ele já estava desempregado, após a Revolução dos Cravos.

O efeito Saramago

O encontro com o Saramago foi inspirador. Comecei a perceber que vários autores haviam estreado tardiamente. O Saramago foi um desses casos. Me dei conta que, o que eu fazia, ninguém mais fazia. Não era melhor nem pior: era uma história que eu contava de uma maneira que nenhuma outra pessoa poderia fazer. Então, procurei a Luciana Vilas-Boas, então editora da Record, por onde estreei. Hoje, a Luciana é a minha agente literária.

“ No Brasil, a ficção é mais comportada do que a realidade.”



Escrever para saber

Somente após escrever *Se eu fechar os olhos agora* que comecei a perceber o que o romance queria ou poderia dizer. Não sei se quem escreve ficção sabe o que está escrevendo enquanto escreve. Vou usar uma frase do Fernando Sabino que diz, mais ou menos, o seguinte: “Escrevo para saber porque estou escrevendo”.

Trilhas idiossincráticas

Meu pai era dono de um armazém e também era músico, de modo que lá em casa ouvia-se muita música.

Outro dia, comecei a cantarolar uma canção que eu escutava na infância. Um trecho não saía da minha cabeça: “A saudade vem chegando/ A tristeza me acompanha!/ Só porque... Só porque/ O meu amor morreu na virada da montanha”. Cantarolava e as pessoas diziam que eu estava inventando. A canção existe. Chama-se “Na Virada da Montanha”, de autoria do Francisco Alves, popularizada pelo Lamartine Babo. Mas demorei para descobrir o nome. Hoje é fácil encontrar uma canção, basta digitar um trecho da letra no Google. Mas no passado, a situação era

muito diferente. Bom, a música sempre me acompanhou.

Jornalismo e literatura

Eu trabalho todo dia, mas não consigo escrever ficção na redação. No que diz respeito à literatura, aprendi um truque. Se eu me deitar, os personagens chegam. Eles vão, simplesmente, chegando. No mais, escrevo continuamente. Escrevi uma peça de teatro, tem duas outras peças que estou construindo, mais um romance, um livro de contos e uma outra historieta que, acredito, pode virar um roteiro.

Cristiane Torloni

Escrevia uma peça chamada *Boa noite a todos*, que é um monólogo, que chamou a atenção da Cristiane Torloni. A personagem tem um passado intenso, amou, viveu, mas chega um momento em que, com idade um tanto avançada, ela perde tudo e, durante a peça, também perde a memória. Então, ela se perde. E perde o que é mais precioso no indivíduo, que é o próprio eu. Perde, ainda, o controle das funções do corpo. Mas também tenho uma outra peça, com quatro personagens, mas não vou contar nada, nem o título. Gosto de teatro.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

A voz possível

Tenho a impressão de que, pelo menos no meu caso, cada história exige um tipo de narração. Quer dizer, uma história surge e pode ser traduzida por meio de um conto. Outra história surge e me dou conta de que é uma peça. *Se eu fechar os olhos agora* tem um tom mais nostálgico, com momentos longos de introspecção dos personagens, músicas dos personagens dentro de si mesmos. *A felicidade é fácil* é um texto seco, com estilo nervoso e diálogos curtos. São vozes diferentes para tramas e necessidades diferentes.

A intriga do Jabuti

Em 2010, ano em que concorri ao Prêmio Jabuti, concorriam, entre outros, Chico Buarque, com *Leite derramado*, e Luis Fernando Verissimo, com *Os espíões*. Ganhei o prêmio de melhor romance com *Se eu fechar os olhos agora*, o Chico ficou em segundo e o Luis Fernando abocanhou o terceiro lugar. No dia da entrega do prêmio, eles também entregam o prêmio de livro do ano e concederam essa premiação ao Chico Buarque, que havia ficado em segundo lugar na categoria romance. Não é segredo para ninguém que eu fiquei chocado com a situação. Não sabia que isso poderia acontecer. Tinha a impressão de que o melhor romance, o melhor livro de contos ou de poesia receberia o prêmio de livro do ano, e nunca que o segundo colocado na categoria romance viesse a conquistar o melhor do ano.

Fora de controle

A polêmica sobre o Prêmio Jabuti saiu completamente fora do meu controle. Não procurei a imprensa. Mas as opiniões de muitas pessoas se tornaram públicas. Foi realizado até um abaixo-assinado pedindo para o Chico Buarque devolver o prêmio de livro do ano. Fiquei constrangido. Até porque, para a minha geração, há dois compositores



“O encontro com o Saramago foi inspirador. Comecei a perceber que vários autores haviam estreado tardiamente. O Saramago foi um desses casos. Me dei conta de que, o que eu fazia, ninguém mais fazia.”

que estão acima do bem e do mal, o Caetano Veloso e o Chico Buarque. Então, me vi em uma situação em que pessoas que eu conhecia e que são amigas do Chico Buarque pararam de falar comigo. Sou jornalista, nunca me meti em uma situação similar, como se fosse um Fla-Flu ou um Atle-Tiba. Mas a polêmica jogou ainda mais luzes sobre o Prêmio Jabuti, uma premiação relevante, que existe há mais de meio século.

Agora, se me perguntam se a polêmica foi boa ou ruim, digo que a situação foi, acima de tudo, constrangedora.

Paulo Francis

Apreendi muito com o Paulo Francis, um sujeito que adorava teatro. Ia ao teatro com ele. O Paulo Francis era quase cego. Íamos a peças, o Francis, a mulher dele e eu, para sentar na primeira ou segunda fila. Achava tocando

que ele tivesse paixão por teatro. Ele comentava e sabia o que estava dizendo. E, além do mais, ele era muito generoso com os jovens.

Paulo Coelho x *Ulysses*

Em 2012, entrevistei o Paulo Coelho, um sujeito brilhante e muito esperto. Ele sabe provocar. O James Joyce é estabelecido e o Paulo Coelho já vendeu 150 milhões de livros. Então,

o Paulo Coelho diz que o “Joyce não vale um tweet”. Veja, há certas coisas que não são pra serem levadas a sério. O James Joyce é um autor que mudou uma face da literatura contemporânea. Não é um dos meus autores favoritos, mas vale um tweet.

Globo News Literatura

Esse programa, na realidade, começou com o Pedro Bial e tinha uma única entrevista. Seguimos com o formato durante algum tempo. Antes, editava-se menos no Brasil. Com o passar do tempo, o mercado editorial cresceu. Não seria possível dedicar todo um programa para um único autor. Então, tivemos que modificar o formato. Não gravamos mais dentro de um mesmo estúdio. Agora, há a possibilidade de viajar. Fui ao Recife para entrevistar o Raimundo Carrero, da mesma maneira que visitei Curitiba para conversar com o Cristovão Tezza. Neste ano, o Claufer Rodrigues, repórter que trabalha comigo, esteve aqui na capital paranaense para produzir uma matéria sobre revistas e jornais literários. Viajamos, e isso tem custos. O programa não tem muita verba, e, por isso, por enquanto, conseguimos colocar no ar um programa inédito por semana. Mas a Globo News faz algumas reprises do programa. Mas estamos conseguindo incluir várias possibilidades. Encerramos apresentado algum livro de arte ou uma obra literária que dialoga com o universo das visuais.

Dislexia

Eu era tímido, demais, porque não conseguia pronunciar direito as palavras. Meu pai era dono de armazém e minha mãe havia sido tecelã, era dona de casa e ajudava meu pai no comércio. Não havia diagnóstico para o problema e, se houvesse, não teríamos dinheiro para procurar, por exemplo, um fonoaudiólogo. Meu pai me levou para uma rádio de Valença. Ele era compositor e eu cantava.



O jornalista Yuri Al'Hanati mediu a conversa com Edney Silvestre.

Parece muito com a história dos gogos que, quando representam, não gaguejam. Sabe por quê? Porque quando você tem um texto a dizer, não há dúvidas a respeito do que será enunciado. Eu era muito tímido. Tinha vergonha de tudo. Não conseguia falar, e não falava. Uma criança que fala tudo errado aos 6 anos é considerada por todos os colegas como uma idiota. Não lembro quando houve a mudança, mas superei o problema. No entanto, ainda hoje tenho dificuldade com palavras de duas sílabas, e também faço alguma confusão com números.

Cena contemporânea

Paraná, Pernambuco e Minas

Gerais são Estados pujantes no que diz respeito à produção literária. Aqui, no Paraná, vocês tem o Cristovão Tezza, um grande escritor. Mas vou citar um outro livro, aliás, uma pentalogia, na qual o mais recente título se chama *Domingos sem Deus*. É um projeto belíssimo do Luiz Ruffato, mineiro radicado em São Paulo, que ajuda tanto a entender as transformações do nosso país. Fiquei comovido com a série, batizada *Inferno provisório*. O primeiro livro do projeto, *Mamma, son tanto felice*, me tocou por eu conhecer o assunto. Diz respeito à imigração italiana, e nasci em uma cidade onde também houve migração da Itália, principalmente

de imigrantes pobres. Os italianos que a gente vê na televisão são felizes, cantam, fazem macarrão e lembram aquela atriz paranaense muito bonita, a Maria Fernanda Cândido. Mas o que vi na minha infância foi uma miséria muito grande. E *Mamma, son tanto felice* é um livro que trata disso. O Ruffato é um autor que se ancora na realidade brasileira para construir a sua literatura. E ele também tem um livro muito engraçada, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, todo narrado na voz de um mineirinho que vai para Portugal em busca de trabalho. A recriação que o Ruffato faz da linguagem oral para a linguagem escrita é um primor. ■

Prêmio Paraná de Literatura anuncia vencedores

A entrega oficial dos prêmios e o lançamento dos livros acontecem no dia 11 de dezembro

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou na segunda quinzena de novembro os títulos dos livros vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2012. Em sua primeira edição, o concurso da Secretaria da Cultura do Estado (Sec) selecionou obras inéditas, de autores de todo o País, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense.

O júri apontou *Sérgio Y vai à América*, de Alexandre Vidal Porto, como melhor romance (prêmio Manoel Carlos Karam). *Papis et circensis*, de José Roberto Torero, venceu a categoria de contos (prêmio Newton Sampaio). E *As maçãs de antes*, de Lila Maia, foi o destaque entre as obras de poesia (prêmio Helena Kolody). Cada autor receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública, com tiragem de mil exemplares. A entrega oficial dos prêmios e o lançamento dos livros acontecem no dia 11 de dezembro, em evento a ser realizado na BPP.

“O Prêmio Paraná teve ótima repercussão em todo o País e chamou a atenção do mundo literário. A prova disso são as quase 900 obras inscritas. Além



Alexandre Vidal Porto venceu o prêmio Manoel Carlos Karam, com o romance *Sérgio Y. vai à América*.

disso, ter um autor como José Roberto Torero entre os vencedores é algo bastante significativo. A intenção de recolocar o Paraná no mapa dos grandes prêmios literários foi cumprida de maneira exemplar”, afirma Rogério Pereira, diretor da Biblioteca e presidente da comissão julgadora.

Segundo Pereira, a meta agora é trabalhar para fortalecer ainda mais

o concurso. “O Prêmio terá continuidade em 2013. Já é uma certeza, pois temos recursos garantidos. Serão investidos novamente R\$ 200 mil. Por ora, vamos manter as categorias de romance, conto e poesia. No entanto, estudamos alguns ajustes no regulamento, principalmente no que se refere ao ineditismo dos textos nos meios eletrônicos. É algo que já es-

“O Prêmio terá continuidade em 2013. Já é uma certeza, pois temos recursos garantidos”

Rogério Pereira, diretor da BPP

tamos discutindo. Também estudamos a possibilidade de parceria com uma grande editora para que os livros tenham circulação comercial em todo o País. Com isso, a tiragem de mil exemplares seria, no mínimo, dobrada.”

Comissão julgadora

As 878 obras concorrentes foram avaliadas por um júri formado por nove membros (três em cada categoria). José Castello, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Ruffato foram os jurados da categoria Romance. Marçal Aquino, Rodrigo Lacerda e Caetano Galindo escolheram o melhor livro de contos. Heloisa Buarque de Hollanda, Miguel Sanches Neto e Antonio Carlos Secchin analisaram as obras de poesia.

“Fiquei surpreso com o número de bons textos apresentados. E, igualmente, com a diversidade. Mininarrativas, realismo mágico, brutalismo, experimentalismo, realismo de fina cepa, humor. O Prêmio Paraná me provou que há muita variedade e qualidade esperando os lei-

Fotos: Divulgação



A maranhense Lila Maia, autora de *As maçãs de antes*, venceu na categoria poesia.



O experiente José Roberto Torero ganhou na categoria contos com *Papis et circensis*.

foi feita a partir do conjunto, da capacidade de o poeta construir um livro com unidade de linguagem e de voz”, explica.

“A maior novidade do panorama das letras no Brasil não é, como se poderia pensar, o renascimento da vida literária. Pelo contrário, trata-se do surgimento da experiência literária no espaço público. São dois movimentos diferentes. O primeiro, a vida literária, supunha o círculo restrito de pessoas envolvidas profissionalmente com a literatura. O momento atual demanda a ampliação da experiência literária. Nesse sentido, a criação de um prêmio representa um estímulo muito importante”, diz o crítico e professor da UERJ João Cezar de Castro Rocha.

Sobre os livros

Castro Rocha conta que *Sergio Y vai à América* foi escolhido “de imediato” pelos três jurados do prêmio Manoel Carlos Karam. “Em relação aos outros originais, o romance de Tedoro Peluffo (pseudônimo usado por Alexandre Vidal Porto para participar do concurso) se destacou claramente pela consistência do projeto ficcional, o controle da voz narrativa e a força de linguagem”, justifica.

Para Sanches Neto, Lila Maia, de *As maçãs de antes*, é uma escritora de situações cotidianas e imagens densas. “Manifesta-se, em seu livro, uma voz feminina extremamente pessoal, em que o erotismo e a memória se mesclam para construir um discurso doloroso da condição humana. Sente-se, em todos os poemas, uma grande autenticidade”, afirma.

Segundo Galindo, a experiência de ler (e escolher) *Papis et circensis* foi um grande prazer. “É uma obra que não vai passar em branco. Porque tem de tudo: audácia, temática, inventividade formal, diversão, dor. A única coisa que não se pode esperar desse livro é monotonia”, garante. ■

• Leia nas próximas páginas trechos dos livros vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2012

“O momento atual demanda a ampliação da experiência literária. Nesse sentido, a criação de um prêmio representa um estímulo muito importante”

João Cezar de Castro Rocha, crítico e professor da UERJ

tores”, afirma o tradutor e professor da UFPR Caetano Galindo.

O escritor Miguel Sanches Neto também destaca a versatilidade da produção. “Apareceram bons livros nas mais diversas modalidades, dos volumes de haicais à poesia filosófica, das formas tradicionais aos experimentalismos, da poesia lírica à política e ecológica. A seleção

SÉRGIO Y. VAI À AMÉRICA

ALEXANDRE VIDAL PORTO

1º Capítulo

Tudo o que você precisa saber sobre mim

Como falarei da vida alheia, é justo que também fale da minha.

Meu nome é Armando. No mês passado, completei 70 anos. Em geral, pensam que eu sou mais velho. Durante toda a minha vida foi assim. É o que espero quando conheço alguém. Aparento ter mais idade do que tenho. Mas essa velhice aparente precoce é comum entre os psiquiatras. Absorvemos os problemas dos pacientes. Envelhecemos por eles.

Sou um dos melhores médicos desta cidade. Sei que soa imodesto apresentar-me nesses termos, mas é como se referem a mim quando comentam o meu trabalho. Orgulho-me do reconhecimento que me concedem. Sou vaidoso, mas isso não me incomoda. Sempre achei a modéstia uma qualidade superestimada.

Tenho consciência de que a vaidade pode ser traiçoeira. Acho, porém, que, na minha vida, ela desempenhou um papel construtivo. A vaidade impediu que eu admitisse grandes alterações no ritmo natural de minhas vontades. Como profissional, escolhi não fazer concessões. Explorei minha especialidade como quis. Podia não ter dado certo. Mas, felizmente, deu.

Meu pai também foi médico. Quando eu era criança, gostava de vê-lo entrar no carro de manhã para ir ao hospital. Na minha concepção infantil, saber que ele era médico eliminava qualquer possibilidade de morte ou de dor, para mim ou para a minha família. Dava-me segurança. Quando encontrávamos pessoas que o conheciam, me orgulhava do respeito e da deferência com que o tratavam.

Queria ser médico como ele. Cresci idolatrando-o. Meu pai morreu em um acidente de trânsito estúpido, aos 48 anos de idade. Eu tinha acabado de completar 16. Depois de sua morte, minha convicção de querer ser médico tornou-se mais firme e mais profunda.

Foi o que eu fiz.

Em 1967, formei-me na quinquagésima turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Desde o primeiro ano, fui o melhor aluno de minha classe. Fiz residência médica nos Estados Unidos e voltei ao Brasil para fazer meu doutoramento. Depois disso, prestei concurso para docência. Comecei como Professor-Associado de Psicologia Médica. Aposentei-me como Professor Catedrático de Psiquiatria.

Além dos compromissos acadêmicos, mantive sempre um número variável de pacientes em psicoterapia. Ao longo de minha carreira, obtive bons resultados. Acho que ajudei alguma gente.

Meu pai, Miguel, foi o primeiro namorado de minha mãe, Ondina. Ela enviuvou aos 45 anos e não voltou a se casar. Morreu com um ano a menos que a idade que eu tenho hoje. Do tempo em que ficou viúva até a minha formatura na faculdade, não houve um dia em que tenha deixado de ver as irmãs, Alba e Yeda, que moravam juntas em uma casa antiga no bairro de Moema.

Às onze e trinta da manhã, Seu Joel, o motorista, a levava à casa de minhas tias na Alameda Jauaperi. Almoçavam juntas as três. Depois, sentavam-se no sofá, em frente à televisão. Tomavam uma xícara de café e assistiam ao Jornal Hoje e ao filme da Sessão da Tarde, qualquer que fosse, diariamente.

Por volta das quatro e meia, Dona Maria José, a empregada, lhes servia mais café, com uma

Ilustração:

Felipe Rodrigues

fatia de bolo, biscoitos ou o que houvesse de gostoso na cozinha. Às vezes, em lugar de ficarem em casa, saíam para o shopping center ou para alguma consulta médica. Seu Joel as levava. Sentavam-se juntas no banco de trás do carro.

Quando fui para Nova York fazer residência, minha mãe se mudou temporariamente para a casa das irmãs. Nunca mais saiu de lá. Ondina, Alba e Yeda viveram juntas na Alameda Jauaperi até morrerem.

Foram-se como aves, no espaço de dez meses. A primeira a falecer foi Alba, atropelada por um motoboy enquanto tentava pegar um táxi na saída da agência bancária onde recebia sua aposentadoria. Morreu em janeiro. A segunda foi minha mãe, que havia sido diagnosticada com câncer no pâncreas no final do ano anterior. Partiu em maio. Yeda foi a última. Sofreu um derrame durante a noite e jamais acordou para ver o dia 19 de agosto.

Eu também sou viúvo. Minha mulher, Heloísa, morreu faz quase sete anos. Depois de sua morte, o que eu senti de mais concreto foi alívio. Doía vê-la definhando, aos poucos, no hospital. Para me proteger da dor, cerca de um mês antes de sua morte real, desenganei-a dentro de mim. Mantei-a antes que ela morresse. Mas estive ao seu lado todo o tempo, até que seu coração finalmente parasse de bater.

Hoje, já superei a perda de Heloísa. Levo uma vida normal e satisfatória. Não me sinto sozinho. Mas falar do meu estado de viuvez ainda me incomoda. Não porque isso me sensibilize ou cause tristeza. É justamente o contrário. Acho que deveria me sensibilizar mais do que me sensibilizo. É isso o que me perturba.

Tive um casamento feliz que durou trinta e sete anos. O casamento continua a ser feliz na foto

sobre a cômoda no quarto que dividíamos. A existência da minha mulher nos limites daquele porta-retrato me basta. Não preciso de mais.

Posso parecer frio, desprezível até, mas exponho meus sentimentos dessa forma para reforçar minha alegação de sinceridade e boa fé ao escrever este relato.

e eu tivemos uma única filha, Mariana, que é adulta e vive em Chicago. Casou-se com um americano que conheceu quando fazia mes-trado. Ainda não tenho netos.

Desde que Mariana saiu de casa para estudar fora, quatro anos depois que a mãe morreu, vivo sozinho em um apartamento de quatro quartos na rua Ceará, em Higienópolis, na cidade de São Paulo, no mesmo lugar em que, outrora, morávamos os três.

Com minhas obrigações conjugais terminadas e as paternais arrefecidas, os pacientes passaram a ocupar um espaço maior na minha vida. Hoje, não sei o que faria sem eles. Se eles todos desaparecessem, dizimados por alguma praga, digamos, provavelmente arranjaria coisas para fazer. Não morreria de tédio. Mas a verdade é que preciso definir o que farei quando já não tenha a quem tratar.

O mais natural seria que me mudasse para a casa da praia, que é onde a maior parte dos meus livros está. No entanto, sei que, enquanto tiver pacientes em São Paulo, ficarei por aqui, porque nada na vida me dará mais prazer. Quando minha mãe se queixava de que meu pai atendia a gente demais, ele respondia: “*Médico sem paciente é ninguém.*” Eu concordo com ele.

É nos pacientes que encontro a matéria-prima da minha realização no mundo. Cuido-os da melhor maneira possível. Envolve-me com seus casos. Por cada um deles, leio, reflito, pondero longamente. Sou meticuloso. Demoro a tirar conclusões.

Se eu permitisse, minha vida seria invadida e tomada por questões pessoais que não me pertencem. E eu pareceria ainda mais ve-

lho do que já pareço. Para me preservar, tenho hoje apenas cinco pacientes. Atendo a cada um em um dia da semana, de segunda a sexta. Assim, organizo o meu tempo de forma mais produtiva.

Como terapeuta, costumava tomar notas minuciosas de cada uma das sessões que fazia. Porém, desde que diagnosticaram um início de artrite na minha mão direita, esse hábito mudou. No Natal de 2003, ganhei da minha filha um gravador digital, desses que não precisam de fitas. Depois disso, comecei a fazer apenas anotações genéricas e a gravar discretamente as sessões, para posterior consulta.

Passei a reescrever minhas notas com tranquilidade, depois das sessões. Essa mudança deu mais consistência ao meu trabalho analítico. Podia repetir a gravação quantas vezes quisesse. Podia escutar as pausas, os silêncios, perceber as mudanças de ritmo na respiração. Ganhei elementos de análise que o método anterior de anotação não conseguia me dar.

Todas as vezes em que um caso clínico deixou de instigar meu interesse, procurei dispensá-lo o quanto antes. Sempre que fiz isso, a lógica a que obedeci foi mais ou menos a seguinte: não quero dedicar meu tempo a este paciente, portanto ele não precisa de mim. Estará melhor em outras mãos.

Houve vezes, no entanto, em que o caso clínico que tinha diante de mim me interessava de forma genuína, e eu, por razões que fugiam ao meu controle, não consegui despertar o interesse do paciente para o tratamento. Quando isso acontecia, o dispensado era eu.

Sempre que um paciente me abandonou, senti uma infelicidade profunda: infantil e injustificável. Algo semelhante à impotência que sente uma criança ao descobrir que seu brinquedo favorito foi quebrado por outra criança mais nova, sem que nada mais se possa fazer a respeito.

Nos casos em que eu me interessei pelo caso clínico e o paciente se interessou pela terapia, em algum momento do tratamento, invariavelmente, tornei-me obcecado. Minhas

obsessões se mantiveram pelo tempo em que resistiu o mistério para mim. Duraram enquanto o caso me deixou perdido, procurando entendê-lo.

Algumas obsessões foram superadas facilmente. Outras, porém, perseguiram-me por anos a fio, mesmo depois que se encerrou a relação terapêutica. Acho que foi isso o que aconteceu com Sergio Y.

Com ele, aprendi que alguns pacientes percebem antes do médico o ponto ótimo do tratamento -a hora de parar, a partir da qual os rendimentos tornam-se decrescentes. Foi com Sergio que descobri a importância da humildade.

Nunca consegui entender, porém, se nesta história que vou contar, alguém chegou de fato a abandonar alguém.

Quero deixar claro que não gostaria, a esta altura da vida, de expor a intimidade de uma pessoa que confiou sua privacidade a mim. No entanto, se comento esse caso clínico e, de alguma maneira, falto com o meu juramento profissional, é pela mais meritória das razões.

Meus olhos não foram cegos. Minha língua não calou aos segredos que me foram revelados. Eu sei. Mas tenho princípios. Minha intenção, ao contar esta história, nada tem de nocivo. Quero tornar-me um médico melhor e um ser humano mais íntegro. Quero apenas aprender.

O paciente sobre quem falarei chegou ao meu consultório recomendado pela diretora da escola em que estudava, minha amiga dos tempos de faculdade. Em sua mensagem de email, ela me dizia que me procuraria um aluno de 17 anos, “*articulado, inteligente e confuso*”. Segundo ela, seria um “*caso interessante*”.

Eu levei suas palavras em consideração. ■

 **Alexandre Vidal Porto** nasceu em São Paulo, mas se considera cearense. É mestre em Direito pela Universidade de Harvard, escritor e diplomata de carreira. Colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, estreou na literatura com o romance *Matias na cidade* (2005). Atualmente, vive e trabalha em Tóquio. *Sergio Y. vai à América* é seu segundo romance.



Ilustração:
Robson Vilalba

AS MAÇÃS DE ANTES

LILA MAIA

Mercado de trabalho

Quando o insuportável começa a virar maré cheia,
me pergunto:
por que não me tornei alpinista de empresa
escalando os prédios mais altos da Avenida Rio Branco?
Quatro anos de Letras,
mais dois de Pós em Literatura Portuguesa,
o curso completo de inglês no IBEU,
não permitem que a mesa do café seja invadida
de iogurtes, queijo branco, uvas, kiwi, pêssegos,
mamão com mel.

Por que não me especializei em alturas?
Uma estrofe de cor dos Lusíadas,
não é suficiente para o trabalho de Call Center
na empresa Silva Lins.
Era preciso ter um diferencial na voz.
Mas eu disse um verso de Camões.

E a menina ao meu lado,
estudante de Propaganda e Marketing na Estácio,
saia justa, corpo bronzeado de Ipanema,
um quê de rouquidão forçado no final das frases,
sai com carteira assinada e setecentos reais por mês.

 **Lila Maia** é maranhense e vive há 32 anos no Rio de Janeiro. É graduada em Pedagogia. Tem dois livros de poesia publicados: *A idade das águas* e *Céu Despido*. Em 1998, teve três poemas publicados na Revisa Poesia Sempre, da Biblioteca Nacional.

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA

PAPIS ET
CIRCENSIS

JOSÉ ROBERTO TORERO

Pedro

É noite. Os soldados prendem Jesus no Monte das Oliveiras e o levam até a casa de Caifás.

Pedro, a pedra fundamental, segue o grupo de longe.

Enquanto Jesus é julgado pelos setenta sábios judeus, ele se aproxima dos soldados que fazem uma fogueira no pátio a fim de escutar alguma notícia de seu mestre. É quando uma serviçal o reconhece:

— Você não é do grupo do profeta que foi preso?

— Quem? Eu? Não.

Um soldado estranha seu sotaque e pergunta:

— Mas você fala como um galileu.

— Impressão sua, senhor soldado - respondeu Pedro caprichando nos esses como se fosse de Jerusalém.

Então o capitão da guarda aproxima-se, fica cara a cara com ele e diz:

— Teu rosto não me é estranho.

Acho que estavas com ele.

— Não, nunca, jamais! Nem sei quem é este tal de Jesus - responde aquele que será o primeiro papa.



Ilustração:
Robson Vilalba

Lino

12º. decreto

Eu, Lino, sucessor de Pedro, decreto que, de ora em diante, as mulheres cubram as cabeças durante nossos cultos.

Aos que ousam pensar que se trata de uma deliberação injusta e sem motivo, explico minhas razões, e quem tiver olhos para ver e tino para entender há de concordar comigo.

Vejam bem:

Há mulheres feias e mulheres belas.

As feias nos fazem pensar no inferno.

As belas nos fazem pensar em coisas que nos levam ao inferno.

Assim sendo, como a igreja não quer que seus filhos acabem no inferno, seja nesta vida ou na outra, é mister que não se vejam os rostos das filhas de Eva.

Aliás, a própria Eva, ao sair do paraíso, cobriu suas vergonhas e belezas. Assim, apenas aperfeiçoou tal atitude, fazendo com que as mulheres de hoje cubram as vergonhas e as belezas de suas faces.

Por inspiração divina, determino e firmo,
Lino.

Anacleto

Anacleto lutou contra o culto a objetos mágicos.

Ele disse que pedras coloridas não curavam, que entranhas de aves não podiam prever o futuro, que chifres de animais mortos não traziam força, que gatos pretos não traziam azar, que varas de condão eram só gravetos.

Depois ordenou a veneração ao túmulo de Pedro. ■

 **José Roberto Torero** é formado em Letras e Jornalismo pela USP. Publicou 25 livros, entre eles *O Chalaça* (1999), Prêmio Jabuti em 1995 e, mais recentemente, *O Evangelho de Barrabás* (2010) em parceria com Marcus Aurelius Pimenta. Também é roteirista de cinema e tevê. Vive em Santos (SP).

Revelar e consagrar

Ganhar um dos 200 concursos literários espalhados pelo Brasil pode significar o empurrão que faltava na carreira de veteranos e estreantes

LUCAS RUFINO

Chamada vida literária, que na última década possibilitou aos escritores brasileiros viver dos derivados da literatura — feiras, bate-papos e oficinas —, também revigorou outro importante pilar da cena: as premiações.

Criados para revelar novos autores ou consagrar veteranos, os concursos literários se proliferaram no país. Segundo o site “Concursos literários”, em 2012 foram ofertados mais de 200 prêmios por todo o Brasil e em países de língua portuguesa.

Do Prêmio Uberaba de Literatura, que oferece aos vencedores um diploma e três livros, ao polpudo Prêmio São Paulo, que engorda em R\$ 200 mil a conta do vencedor, os concursos — mais do que as benesses financeiras — são vistos por autores iniciantes e veteranos como uma boa oportunidade de divulgação de seus trabalhos. Ainda que não possam garantir a continuidade de carreiras, os concursos são uma forma de escritores receberem o aval de gente que compõe a cena literária. Vencer prêmios também não significa ser publicado, porém desperta a curiosidade das editoras.



Fotos: divulgação

Carlos Herculano Lopes acredita que os prêmios ajudam na circulação de obras dos vencedores.

Luisa Geisler ganhadora do Prêmio SESC de Literatura duas vezes — a primeira em 2010, com a coletânea de histórias curtas *Contos de mentira*; a segunda neste ano, com o romance *Quiçá* —, acredita que os prêmios tenham uma função de validar as obras inscritas, não os autores. “Mesmo assim, nem

sempre isso acontece. Há muitos autores que ganharam o Jabuti e acabaram esquecidos. Ajuda, mas não basta apenas isso. Um iniciante que ganha o Jabuti não está nem perto de ser um escritor talentoso. A gente vive no curto prazo, mas só o longo prazo dirá quem vai vingar”, afirma a autora gaúcha de apenas

21 anos. No caso de Luisa, os concursos ajudaram a alavancar seu nome no cenário nacional. Ela foi um dos 20 autores selecionados para compor a coletânea da revista inglesa *Granta* — *Os melhores jovens escritores brasileiros*.

Para o jornalista e escritor Carlos Herculano Lopes, ganhar um prêmio é

importante tanto para um autor novato como para um escritor renomado. “Dá prestígio, faz bem para o ego do ganhador, o nome dele circula, dá um dinheirinho e, com certeza, pode ajudar muito no caso da publicação do livro, caso o autor ainda não tenha editora”, diz Lopes, finalista do Jabuti em duas ocasiões, com os romances *A dança dos cabelos* e *O vestido*. “Pude perceber a repercussão positiva que dá”, completa.

Veredas e polêmicas

A história dos prêmios literários no Brasil mostra que, em muitos casos, a honraria alavancou carreiras que, mais tarde, se confirmariam consistentes. Grande nome da literatura brasileira, Raduan Nassar ganhou o Prêmio Jabuti de autor revelação em 1976 com *Lavoura arcaica*, romance que hoje, 35 anos depois do seu lançamento, já figura entre os clássicos contemporâneos. Em 1981, foi a vez de João Gilberto Noll receber o mesmo prêmio por *O cego e a dançarina*. Noll, anos depois, venceria outras quatro vezes o concurso, e Raduan levaria novamente a honraria por *Menina a caminho*, seu único livro de contos.

Criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Jabuti tinha somente sete categoriais em sua primeira edição. Entre os primeiros premiados, Jorge Amado foi o vencedor na categoria romance com *Gabriela, cravo e canela*. Atualmente, o prêmio conta com 29 categorias, das mais tradicionais, como romance, conto e poesia, até prêmios não muito convencionais, como ilustrações, turismo, hotelaria e gastronomia.

Há três anos, no entanto, o concurso tem sua premiação envolvida em polêmicas. Em 2010, o segundo colocado na categoria romance, *Leite deramado*, de Chico Buarque, foi o vencedor da categoria Livro de Ficção do Ano, derrotando o primeiro colocado em romance, *Se eu fechar os olhos agora*,

de Edney Silvestre. No ano seguinte, alguns livros finalistas foram desclassificados porque estavam em desacordo com o regulamento. Neste ano, outra polêmica envolveu o escritor paranaense Oscar Nakasato, inscrito com o romance *Nihonjin*. Um dos jurados, identificado como “C”, deu, na segunda fase do prêmio, notas zero a livros que ele mesmo tinha avaliado bem na fase inicial, caso de *Mano, a noite está velha*, de Wilson Bueno, e *Infâmia*, de Ana Maria Machado. Tudo para aumentar as chances de *Nihonjin*, que acabou vencendo a categoria.

Telecom e Paraná

Outros prêmios mais jovens que o Jabuti têm ganhado prestígio e já entraram no calendário literário brasileiro. O Prêmio Portugal Telecom, que anunciou seus vencedores do ano no final de novembro, foi criado em 2003 e é dividido em três categorias: conto/crônica, poesia e romance. O vencedor de cada categoria recebe um prêmio no valor de R\$ 50 mil e disputa o Grande Prêmio Portugal Telecom — o ganhador recebe mais R\$ 50 mil, totalizando R\$100 mil para a obra escolhida.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Concurso Nacional de Contos do Paraná foi um dos mais importantes prêmios do país. Em sua primeira edição, em 1968, consagrou a literatura idiossincrática de Dalton Trevisan. Outros nomes reconhecidos, como Luiz Vilela e João Antonio, também figuraram entre os vencedores do prêmio. Com o passar do tempo, o concurso foi perdendo a sua relevância. Neste ano, com o intuito de recolocar o Paraná na rota dos grandes prêmios, o certame foi reformulado e rebatizado como Prêmio Paraná de Literatura. Os vencedores das três categorias (poesia, romance e conto) receberam R\$ 40 mil cada um e tiveram sua obra publicada com uma tiragem de mil exemplares. ■



Luisa Geisler ganhou duas vezes o Prêmio SESC de literatura e foi selecionada para figurar na revista *Granta*, que reuniu os melhores jovens escritores brasileiros.

“Quis entender a imigração japonesa no Brasil”

Oscar Nakasato fala da concepção de seu livro de estreia, que ganhou dois grandes prêmios literários

LUIZ REBINSKI JUNIOR

A partir de uma pesquisa acadêmica, o escritor Oscar Nakasato constatou que a incidência de personagens de origem nipônica na literatura brasileira é parca, mesmo estando no Brasil uma das maiores colônias nipônicas do mundo. Tal contatação, aliada à origem do escritor e seu conhecimento literário, deu a Nakasato os subsídios para produzir o romance *Nihonjin*, que também figura em outro nicho pouco explorado pela literatura nacional: as correntes migratórias do começo do século XX no Brasil. A estreia tardia, aos 48 anos, foi recompensadora. Em 2011, *Nihonjin* foi publicado pela editora Saraiva após ter superado quase dois mil originais inscritos no Prêmio Benvirá de Literatura. No último mês de outubro, novo êxito: *Nihonjin* ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance, deixando para trás títulos de autores consagrados, como Ana Maria Machado e Wilson Bueno. A consagração, no entanto, foi ofuscada pela polêmica que envolveu a premiação. Um dos jurados deu notas muito baixas a outros romances, o que fez com que Nakasato, com notas altas, ganhasse o prêmio. A confusão aca-

bou prejudicando a avaliação, por parte da imprensa, a respeito das qualidades literárias do romance do escritor paranaense, que nesta entrevista deixa de lado a polêmica e fala apenas de sua literatura.

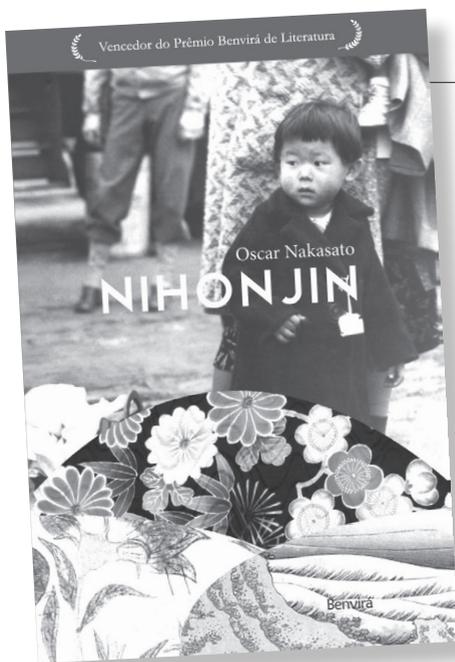
Ao longo de *Nihonjin*, um dos personagens enfrenta um conflito existencial: é filho de japoneses, mas sente-se brasileiro. Esse é ou foi um sentimento comum aos imigrantes japoneses que se estabeleceram no Norte do Paraná?

Muitos filhos de japoneses do Norte do Paraná ou de outras regiões do Brasil se adaptaram ao “modo brasileiro de ser”, às vezes como uma forma de enfrentar as dificuldades de ser “diferente”, outras como um modo de rebeldia contra o nacionalismo dos pais imigrantes. Haruo, o nissei de *Nihonjin*, é um pouco esse jovem rebelde. Quando amadurece, diz ter orgulho de ser filho de japoneses e seu espírito irrequieto sossega, acostumando-se à quietude de uma chácara. Creio que a maior parte dos descendentes — pelo menos até a segunda geração — sente-se dividida, e essa dualidade é o que define melhor a sua composição. Para alguns, essa dualidade se configura como um conflito, para outros como um privilégio. O termo “nipo-brasileiro” define bem esse sujeito que incorpora a cultura ocidental, mas preserva, ao mesmo tempo, os laços que o mantém ligado à cultura japonesa. Assim, ele gosta de frequentar a churrascaria, mas não dispensa o sushi e o sashimi. No Carnaval, brinca ao som das marchinhas e do axé, mas acompanhado de amigos nipo-brasileiros, num clube da

Nelson Toledo



O maringaense Oscar Nakasato, vencedor do Prêmio Jabuti com o romance *Nihonjin*.



“colônia”. E segue dedicado à família, ao trabalho e à educação, tripé que o constituiu enquanto descendente de imigrantes japoneses.

A literatura brasileira contemporânea tem sido pródiga em romances urbanos escritos em primeira pessoa. Seu livro é narrado por um personagem “de fora” da história, neto do personagem central, e se situa no campo. Como chegou a essa estrutura?

Quando comecei a escrever *Nihonjin*, sabia que queria contar a história de um imigrante e seus descendentes, mas sob o ponto de vista de um narrador contemporâneo, portanto, não poderia ser Hideo Inabata, o protagonista do romance. A ideia do neto como narrador me veio imediatamente, pois ele teria uma ligação afetiva com os personagens, o que impediria uma neutralidade e, ao mesmo tempo, faria com que tivesse que se desdobrar para encontrar os elementos da história que queria contar. Eu desejava esse narrador complexo, que busca nas memórias do avô e do tio, nem sempre confiáveis, e nos livros de História os elementos para construir os personagens e os episódios, os quais são amarrados, também, com a sua capacidade de inventar. A história que se conta, portanto, não é exatamente a história vivida.

Um conflito parecido, de nacionalismo exacerbado, é mostrado no livro *Corações sujos*, do jornalista Fernando Morais. Esse livro lhe foi útil de alguma maneira?
O livro de Fernando Morais foi essencial para eu escrever o capítulo sobre o pós-guerra, quando pai e filho entram em conflito por pertencerem a grupos diferentes. Hideo Inabata, o pai, é incapaz de acreditar que o Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial, enquanto o filho, Haruo, aceita o fato como algo natural. O livro *Corações sujos* me ajudou a conhecer os detalhes do conflito e mesmo o vocabulário pertinente a esse episódio.

O senhor desenvolveu um trabalho acadêmico sobre personagens nipo-brasileiros na ficção. Encontrou bastante material?

Encontrei pouquíssimos personagens em pouco mais de uma dezena de obras. O primeiro foi Tanaka, o mordomo de *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade. Esse personagem, embora secundário, é bastante emblemático na discussão que o romance faz da figura do estrangeiro. Tanaka, como a protagonista alemã Fräulein, é um estrangeiro solitário, rejeitado pelo narrador nacionalista, que o vê como um invasor. Personagens com essa característica se apresentam, também, em *Marco zero I: a revolução melancólica* e *Marco zero II: chão*, de Oswald de Andrade. Nesses romances, Oswald de Andrade lança um olhar hostil contra o japonês, que é retratado como ser arrivista, dissimulado e fanático na defesa do imperador. São personagens rasos, vistos por um narrador incapaz de compreender a realidade complexa em que vivem. Personagens mais “verdadeiros” surgem com Laura Honda-Hassegawa e Ana Suzuki, em romances que revelam o conflito do nipo-brasileiro, dividido entre as influências de dois países muito distintos.

E de que forma a pesquisa lhe ajudou na escrita do romance? Teve receio de que o

trabalho acadêmico reverberasse na linguagem do romance?

Na minha pesquisa acadêmica, antes de estudar os personagens da ficção, quis entender a imigração japonesa no Brasil e o processo de aculturação dos japoneses e seus descendentes, então pesquisei livros de antropologia e de sociologia, principalmente. Essa pesquisa, sim, me ajudou muito a compor os personagens e os episódios de *Nihonjin*. Quanto ao estilo, em nenhum momento tive receio de escrever um romance contaminado pela linguagem acadêmica, pois o texto literário faz parte da minha vida com maior intensidade e há mais tempo que o texto acadêmico.

Aliás, o romance traz uma prosa bastante contida e, de certa forma, tradicional em termos de linguagem. A “forma” do romance foi uma preocupação para o senhor?

São poucos os que conseguem inovar na linguagem, como fez Guimarães Rosa, por exemplo. Procurei uma linguagem que não afastasse o leitor comum, mas, ao mesmo tempo, não entediasse o leitor mais exigente.

Há poucos romances tratando das correntes migratórias do Brasil no século XX. Mas alguns deles foram feitos por escritores do Sul, como *Um amor anarquista*, do Miguel Sanches Neto, *Terra vermelha*, do Domingos Pellegrini, e, de um modo geral, a obra toda de Assis Brasil. O senhor leu algumas dessas obras?

Ano passado, quando ganhei o Prêmio Benvirá de Literatura, o Pellegrini gentilmente me enviou alguns de seus livros autografados, entre eles *Terra vermelha*, que eu li com sofreguidão. Não li as obras de Assis Brasil nem de Miguel Sanches Neto, embora ouça falar muito deles. Deveria ser natural que o Brasil, um país ainda jovem, formado por tantas etnias, produzisse com maior abundância uma literatura com foco na

questão da alteridade.

Antes de *Nihonjin*, o senhor ganhou alguns concursos de contos. Tem alguma compilação pronta, gostaria de se tornar, também, um contista?

Tenho três contos publicados em função de premiação em concursos literários e mais meia dúzia engavetados, esperando reescrita. Gosto de contos porque neles se exercita a concisão. Muitas vezes falamos demais e também escrevemos demais.

Depois de ter vencido dois prêmios bastante concorridos com seu livro de estreia, o Benvirá e o Jabuti, que direcionamento o senhor pretende dar à sua carreira? Já tem propostas ou outros projetos em vista?

Eu gosto muito da docência e não pretendo deixar de ser professor. Procurarei escrever durante o tempo que me sobrar entre as aulas e as minhas atribuições como esposo e pai de dois filhos. Estou escrevendo um novo romance, mas sem pressa.

O senhor tem o título de doutor em Literatura Brasileira. Acompanha o cenário literário contemporâneo?

Acompanho pouco. Mas quem compõe o cenário literário contemporâneo? Há algumas décadas era fácil responder a essa pergunta, mas atualmente há muitos escritores e não se consegue dar conta de ler todos. Milton Hatoum, Cristovão Tezza, Luiz Rufatto e alguns outros, poucos, fazem parte do “meu” cenário.

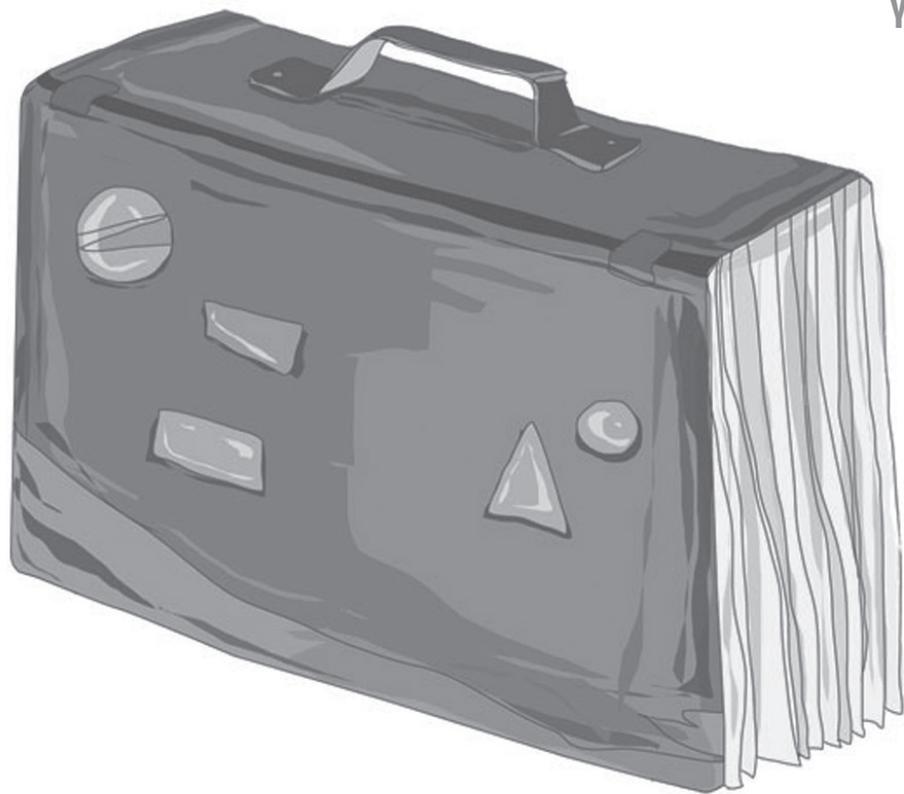
Quais são os autores fundamentais para o senhor? Consegue perceber a marca de algum autor em sua ficção?

Não há novidade quando se trata de autores fundamentais. Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, José Saramago, são esses os autores que não podemos deixar de ler e reler. Quanto a influências, não consigo perceber uma marcante. É o conjunto que me influencia. ■

A ficção nacional no mapa

Escritores brasileiros que estão conquistando espaço nas estantes estrangeiras falam sobre o recente interesse em nossa literatura e como fatores extraliterários, como o crescimento econômico do país e o aquecimento do mercado editorial interno, ajudam a alavancar a produção nacional no exterior

Ilustrações:
Yan Sorgi



IRINÉO BAPTISTA NETTO

Mais que nunca, existe hoje o esforço de apresentar os escritores brasileiros aos leitores estrangeiros. O trabalho envolve questões literárias — editores e leitores sempre se interessam por bons livros, não importa de onde venham —, mas está ligado também ao encanto que o Brasil exerce em parte do planeta, um encanto econômico, somado à atenção inevitável atraída pelo país que hospedará uma Olimpíada e outra Copa do Mundo até 2016. Olhando de novo, é possível até que as questões literárias não sejam tão relevantes assim.

“Se existe algum mesmo [interesse crescente do mundo pela literatura brasileira], provavelmente se deve a fatores extraliterários: crescimento da economia, maior presença do Brasil no mundo, crise europeia — que faz o Brasil parecer melhor na comparação —, Feira de Frankfurt homenageando o país, etc.”, diz Michel Laub, em uma troca de e-mails com o **Cândido**. Ele é autor de *Diário da queda*, vendido para sete países europeus, mais Estados Unidos e Israel.

Frankfurt, na Alemanha, coloca o Brasil de novo no centro de sua feira literária em 2013, criando oportunidades para negócios. Nela, haverá ainda o lançamento da *Machado de Assis Magazine*, uma publicação que sumariza o momento atual da literatura brasileira.

A proposta da revista é traduzir textos do português para o inglês e o espanhol, dando mais visibilidade aos escritores do país. O número um já está disponível na internet e reúne textos de 22 autores, do homem que deu nome à publicação e escreveu *Dom Casmurro* a Alberto Mussa, que ambientou seu último romance, *O senhor do lado esquerdo*, com sete traduções em andamento, num Rio de Janeiro próximo ao de Machado de Assis (1839-1909).

“Sempre ouço falar que os editores estrangeiros querem uma boa história que retrate a sociedade brasileira contemporânea”, diz Alberto Mussa. “Nesse caso eu não seria traduzido em lugar nenhum do mundo. Não sei dizer se sou uma exceção, ou se essa opinião é que está furada.”

Uma olhada na bibliografia de Mussa e o impulso é apontá-lo como “exceção”. Com *O enigma de Qaf*, um livro sobre a Arábia pré-islâmica, ele conseguiu ser traduzido em nove países, Turquia e Romênia entre eles. Foi seu maior sucesso estrangeiro até aqui, êxito que ele atribui ao trabalho de divulgação feito pelos editores e agentes.

A agente de Mussa é Luciana Villas-Boas, ex-diretora editorial da Record, para quem o interesse no Brasil não é espontâneo. “É resultado das políticas e vantagens oferecidas pela Biblioteca Nacional aos organizadores dessas feiras. A política de bolsas de tradução também tem contado muito”, diz.

Responsável por levar ao exterior vários autores nacionais, Luciana afirma que os editores de fora não têm uma “pauta específica” do que querem em termos de literatura brasileira. De novo, é a lógica de “bons livros, boas histórias”, e esse é um dos problemas. “Temos poucos livros de ficção brasileira de grande sucesso entre nós. Mais que um problema, [é] um paradoxo: buscamos ansiosamente o sucesso internacional sem termos amadurecido o nosso público para a literatura brasileira e sem maior preocupação quanto a isso”, diz ela.

Uma conferência de escritores realizada na Universidade de Milão, no fim de outubro, tratou das pressões que essa ânsia pelo sucesso internacional exerce sobre a literatura de países periféricos. “Rumo a uma Literatura Global” foi o nome do evento, organizado pelo romancista Tim Parks, inglês radicado na Itália. Ele escreveu sobre as dis-



Bernardo Carvalho é um dos autores contemporâneos que têm várias obras publicadas no exterior.

cussões milanesas em artigo para a *New York Review of Books*.

Parks teme uma certa “internacionalização” da literatura, que mataria as características próprias das culturas locais. Como exemplo, ele cita o argentino Andrés Neumann, que escreveu sobre a Alemanha do século XVIII, e o mexicano Jorge Volpi, que não conhece a Rússia, mas decidiu usá-la como cenário em seu romance mais recente. Os acadêmicos participantes da conferência se mostraram entusiasmados com essas misturas, enquanto outros, Parks entre eles, admitiram perplexidade.

Uma pesquisadora italiana citada por Parks fez uma comparação entre escritores indianos respeitados que escrevem em híndi (traduzidos para o inglês) e autores anglo-indianos de sucesso como Salman Rushdie e Arundhati Roy. Os do primeiro grupo não teriam a mesma fama dos do segundo porque, escreve Parks, “a tradução pode tornar um romance disponível, mas o exotis-

mo real do texto estrangeiro de verdade continua sendo uma barreira para a maioria dos leitores”.

No Brasil, o movimento parece ser o de se afastar do exótico. “A realidade do país não cabe mais em estereótipos de exotismo e pitoresco, temos muito mais a apresentar ao mundo e acreditamos que o mercado internacional está cada dia mais interessado em conhecer a universalidade da literatura brasileira, o Brasil além dos lugares co-

“Temos poucos livros de ficção brasileira de grande sucesso entre nós. Mais que um problema, [é] um paradoxo: buscamos ansiosamente o sucesso internacional sem termos amadurecido o nosso público para a literatura brasileira e sem maior preocupação quanto a isso”

Luciana Villas-Boas, editora.

CAPA | LITERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR

Divulgação



“ Sempre ouço falar que os editores estrangeiros querem uma boa história que retrate a sociedade brasileira contemporânea.”

Alberto Mussa, autor de *O senhor do lado esquerdo*.

mun”, diz Fábio Lima, coordenador do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, da Biblioteca Nacional.

Eu *Receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino, ganhou uma adaptação para o cinema estrelada por Camila Pitanga e teve traduções na Alemanha e em Portugal — outras na França e no México estão engatilhadas. O autor ambienta suas histórias na cidade e seus temas são tão universais quanto podem ser: chantagem, traição, amor e morte.

“Foi-se o tempo dos exotismos”, diz Aquino. “Vivemos num mundo de grande entrelaçamento cultural e interdependência.”

Todos os livros de Milton Hatoum ganharam versões estrangeiras. *Dois irmãos* teve mais repercussão e saiu em 12 países. O décimo terceiro, a República Tcheca, terá uma edição no que vem.

Em entrevista por e-mail, Hatoum comenta a importância dos prêmios para atrair a atenção de outros países e conta como o trabalho do editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, o ajudou a ganhar o mercado externo. Schwarcz indicou o vencedor do Jabuti, *Dois irmãos*, para casas editoriais da Europa e dos EUA. Assim que foi publicado lá fora, uma agência inglesa passou a representar os livros do escritor manauara.

Luciana Villas-Boas diz que o único caminho para um escritor sair em

Alberto Mussa atribui o sucesso de sua literatura no exterior ao trabalho de agentes e editores brasileiros.

outros idiomas é “a abordagem dos editores estrangeiros para apresentação da obra. Só quem pode fazer isso é o agente ou o editor brasileiro”, diz. “Na última feira de Frankfurt, muitos editores estrangeiros comentaram comigo o entusiasmo do Luiz [Schwarcz, da Companhia das Letras] pelo trabalho do Daniel Galera.”

Galera acaba de publicar o romance *Barba ensopada de sangue* no Brasil e, prova de que o entusiasmo de Schwarcz rendeu contratos, ele sairá também em outros seis países.

Para Hatoum, o exotismo ainda atrai muitos leitores. “Jorge Amado, o escritor brasileiro mais traduzido e conhecido no exterior, foi lido assim, embora a obra dele não seja deliberadamente exótica. Jorge reinventou a Bahia, que, para todos nós, tem algo de exótico”, diz. “Uma parte da nossa literatura contemporânea explora a violência urbana, mas isso também pode assumir contornos exóticos para um leitor europeu.”

Hatoum afirma que, para quem escreve, o leitor é uma abstração. Não se escreve pensando num leitor específico, seja brasileiro ou estrangeiro. “Porque cada leitura é particular, íntima. Se a narrativa tiver força, se contar uma história que transmita um teor de ver-

dade, então ela certamente interessará a leitores daqui e do exterior.”

Quando resenhou *Dois irmãos* (*The brothers*, na edição norte-americana) para o jornal *The New York Times*, Richard Eder disse que, antes, quando a literatura dos Estados Unidos lidava com o estrangeiro, era mais uma questão de levar os americanos para outros lugares e não de trazer os lugares estrangeiros para os americanos. “Parece que chegou a hora de nossa imaginação abrir espaço para os estrangeiros e ouvir as vozes que vêm de longe”, escreveu. Isso, dez anos atrás.

Hoje, o meio editorial de língua inglesa dá sinais de que tenta ouvir “as vozes de longe”. A revista britânica *Granta* talvez seja um bom exemplo – embora a Europa seja, tradicionalmente, mais receptiva a livros estrangeiros do que os EUA. Depois de dedicar volumes inteiros a escritores de língua espanhola e a autores chineses, a *Granta* organizou um volume de jovens autores brasileiros.

Não por acaso, se você entrar no site americano da Amazon.com, clicar na seção “books” e fizer uma pesquisa por “brazilian writers”, uma das primeiras opções que aparecem, junto com Paulo Coelho e crítica literária centrada em Machado de Assis, é a *Granta*. ■



“Se existe algum [interesse crescente do mundo pela literatura brasileira], provavelmente se deve a fatores extraliterários.”

Michel Laub, autor de *Diário da queda*.



Com a benção do Bruxo

IRINÉO BAPTISTA NETTO

A página da *Machado de Assis Magazine (MAM)* na internet é simples e eficiente. Pode-se pesquisar por edições ou por autores, entre outras opções.

Você escolhe entre ler os textos na internet ou imprimi-los — neste caso, cada conto ou fragmento de romance sai com uma capa e adendos que incluem a biografia do autor, informações sobre a edição do livro em português, sinopse, traduções publicadas e referências do tradutor. Além de apresentar o agente responsável por negociar os direitos de publicação.

Funciona como um roteiro possível das letras brasileiras para leitores e profissionais do meio livresco. Haverá uma edição digital a cada quatro meses e uma versão impressa a cada seis.

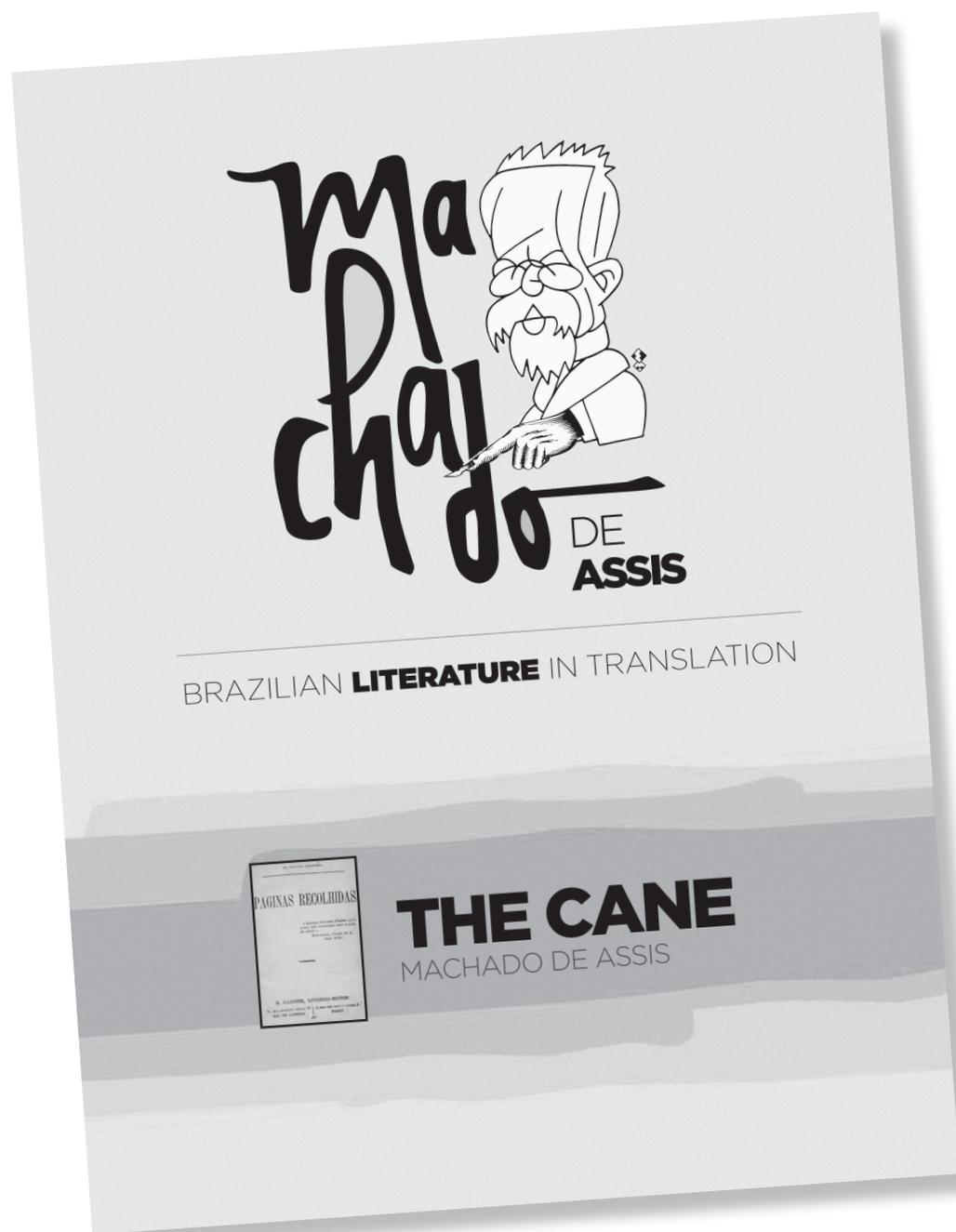
Como fica o Machado de Assis, do desfecho de “A causa secreta”, em espanhol? “*Fortunato, en el umbral, donde se quedó, saboreó tranquilo esa explosión de dolor moral que fue larga, muy larga, deliciosamente larga.*”

Ou o Cristovão Tezza, do início do capítulo quatro de *O filho eterno*, em inglês? “*The most brutal morning of his life started with interrupted sleep — the relatives were arriving.*”

As traduções fazem parte da *MAM* — além dessas, há outras 22 só na primeira edição digital. A revista é feita pela Fundação Biblioteca Nacional com o Itaú Cultural, o governo de São Paulo e o Ministério das Relações Exteriores.

O objetivo da publicação, como especificado na sua página na internet, é dar ao mercado internacional de livros o aces-

Revista Machado, idealizada pela Biblioteca Nacional, pretende ser uma espécie de guia da literatura brasileira para leitores e agentes estrangeiros



so a textos traduzidos de escritores brasileiros no intuito de aumentar sua visibilidade no exterior e incentivar a venda de seus trabalhos para editoras estrangeiras.

De acordo com o editorial, a revista surge em um momento muito significativo para o Brasil. “[O país] conquistou a estabilidade democrática e econômica e está enfrentando e vencendo seus grandes desafios sociais”, diz Fábio Lima, coordenador do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, da Biblioteca Nacional.

“Neste contexto”, continua Lima, em entrevista ao **Cândido**, “nada melhor do que a cultura e a literatura para mostrar o Brasil e os brasileiros ao mundo, por isso o crescente interesse pela produção literária nacional.”

Ele explica que a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) investe, exatamente, na “internacionalização” do livro e da literatura brasileiros. (Curiosamente, o termo entre aspas, usado por Lima, é a palavra exata que o escritor Tim Parks empregou para descrever o medo de uma “literatura globalizada”, mas essa é uma discussão que não cabe aqui).

O programa da FBN funciona como base para a formulação de políticas públicas para o livro no exterior. “Um número crescente de editoras tem sido atraído pela perspectiva de estabilidade e pela eficiência na execução do programa de internacionalização”, explica Lima.

O programa é baseado em um tripé: fomento à edição, com lançamento de editais para livros diversos; fomento à tradução, que procura valorizar e treinar profissionais; e apoio ao autor, que Lima considera “o melhor agente para divulgar a literatura brasileira”.

A FBN criou, em junho passado, o Centro Internacional do Livro (CIL) para cuidar somente da promoção dos livros brasileiros no exterior. Até 2020, o CIL vai investir cerca de R\$ 60 milhões em bolsas de tradução, programas de residência para tradutores e participações em feiras literárias internacionais. O valor é citado pelo presidente da FBN, Galeno Amorim, na apresentação da *MAM*.

No ano passado, segundo Fábio Lima, a FBN reestruturou o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores, criado em 1991. Outras iniciativas surgiram ao longo de 2012, como o programa voltado para a publicação da literatura brasileira na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Em colaboração com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a FBN finaliza um plano de apoio à tradução de obras técnicas e científicas.

Todas essas medidas refletem o valor que o tradutor também tem no processo de internacionalização das letras nacionais. “Muitas traduções surgem do interesse do tradutor e de sua articulação com as editoras”, diz Lima.

A dedicação dos tradutores, por vezes, desemboca numa amizade com os escritores. É o caso de Alberto Mussa, que se tornou muito amigo de seu tradutor francês (e curador de sua obra na França), Stéphane Chao.

O contato entre autor e tradutor ocorre durante o trabalho, para que o segundo possa tirar dúvidas com o primeiro. De acordo com os escritores ouvidos pela reportagem, existem dois tipos de dúvidas mais comuns.

Um diz respeito ao significado de frases específicas, quase sempre irônicas. “É interessante porque eu acabo pensando em coisas sobre meus próprios livros que não havia pensado antes. Descobrimo, por exemplo, que usei mais ironia do que imaginava nesses textos”, diz Michel Laub.

Marçal Aquino conta que os regionalismos do interior do Pará, onde ambienta *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, geraram dúvidas. Palavras como kambô (veneno de uma rã usado por índios em um ritual) e maniçoba (prato típico do Pará feito com a casca da mandioca). “Como, no texto, aparecem seguidas de uma explicação do que se trata (...), não houve necessidade nem de notas de rodapé”, explica Aquino.

Problemas semelhantes enfrentaram os tradutores de Mussa ao tentar verter para outro idioma conceitos complexos do universo mítico afro-brasileiro, como “Exu” (divindade) e “exu” (com inicial minúscula, espírito desencarnado). “Foram talvez os maiores desafios, solucionados muitas vezes com notas de rodapé”, diz Mussa.

Milton Hatoum conta que ainda mantém contato com os seus tradutores e que as questões mais frequentes deles têm a ver com a compreensão de uma situação ou de um vocabulário específico. “Por isso, em algumas edições estrangeiras, há um glossário. Às vezes, o trabalho de um editor estrangeiro melhora a tradução”, diz. ■

Para ultrapassar as fronteiras

As novas vozes da ficção brasileira encontram, de fato, cada vez mais caminhos para chegar até leitores em variados pontos do planeta. Durante a última Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), realizada em julho no litoral fluminense, aconteceu o lançamento de *Os melhores jovens escritores brasileiros*, coletânea com 20 autores, todos com menos de 40 anos – entre os quais Carol Bensimon, Vinicius Jatobá e Michel Laub. É a primeira edição nacional da *Granta*, respeitada publicação inglesa que já revelou alguns dos grandes escritores da literatura contemporânea.

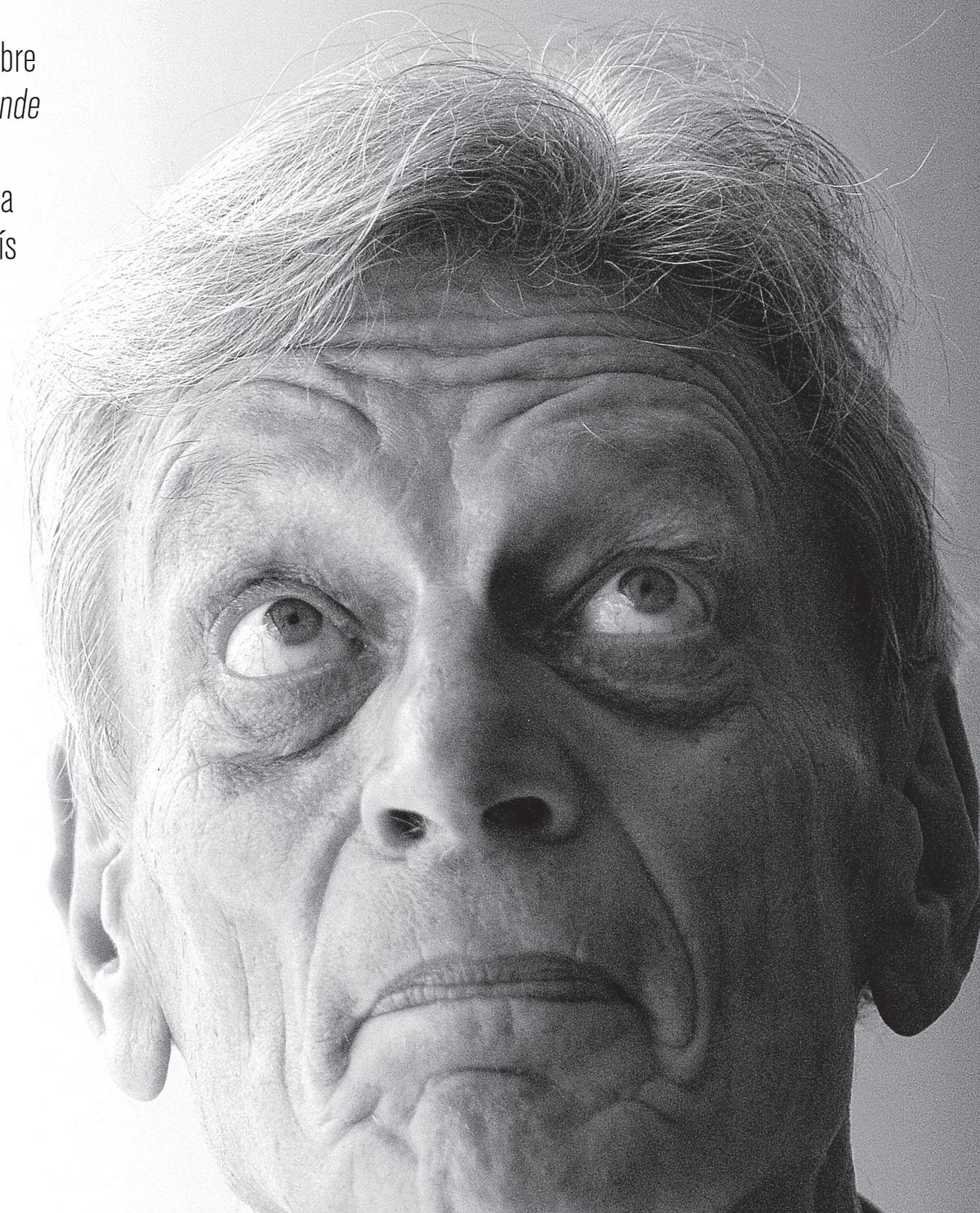
Outra antologia que deve obter repercussão está sendo organizada por Marlen Eckl, pesquisadora e estudiosa de literatura. O livro será lançado em 2013 na Alemanha, com textos de ficção de novos prosadores traduzidos para o alemão, durante a Feira de Frankfurt – ocasião em que o Brasil será o país homenageado. A obra sai pela editora *Lettréage* e contará com a participação dos curitibanos Luís Henrique Pellanda e Marcio Renato dos Santos, além de outras vozes tupiniquins, como André de Leones, Ana Paula Maia e Ricardo Lísias.





Grande sertão alemão

Berthold Zilly fala sobre sua tradução de *Grande sertão: veredas* e a recepção da literatura brasileira em seu país



LUIZ REBINSKI JUNIOR

Desde que traduziu *Os sertões* para o alemão, em 1994, Berthold Zilly tornou-se uma espécie de embaixador da literatura brasileira em seu país. Sua versão para o épico de Euclides da Cunha, *Krieg im Sertão (Guerra no sertão)*, deu-lhe escopo para encarar uma empreitada ainda mais desafiadora: traduzir *Grande sertão: veredas*, a obra-prima e experimental de João Guimarães Rosa. Há um ano, Zilly concilia o trabalho de tradutor com as aulas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o que o professor considera uma feliz coincidência. “Posso estudar, entre outros assuntos, Guimarães Rosa como professor e como tradutor”, diz Zilly em entrevista ao **Cândido**. Além de *Os sertões*, o tradutor já verteu para o alemão clássicos como *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Mas foi a tradução de *Os sertões*, segundo Zilly, que levou a editora Hanser a convidá-lo para o trabalho atual, que deve ser entregue em 2015. Nesta entrevista, Zilly diz por que o livro de Guimarães Rosa, traduzido em seu país pela primeira vez em 1964, por Curt Meyer-Clason, merece uma segunda tradução e como a literatura brasileira é vista em seu país.

A primeira palavra de *Grande sertão: veredas* é “nonada”, um termo que tem um significado enigmático na boca de Riobaldo. O senhor poderia explicar como verterá ao alemão esse tipo de palavra, que, ao longo das mais de 600 páginas do livro, se prolifera?

“Nonada” realmente é uma palavra-chave, com seis ocorrências no total em *Grande sertão: veredas*, a primeira abrindo o romance e a última, de certa maneira, fechando-o, já que ocorre na penúltima linha da última página. Esta palavra cons-

titui, além disso, o antônimo ao último sinal gráfico do livro, que é o símbolo do infinito. Assim, o movimento da trama e das ideias de certa maneira vai do quase nada ao infinito. Assim como muitas outras palavras e frases do livro, esta é por um lado coloquial e quase banal, tão banal quanto o sentido dela, ou seja: “coisa sem importância, um quase nada”, sendo por outro lado palavra estranha, rara, enigmática, principalmente no início, sendo esclarecida depois, parcialmente, pelo contexto. Esta tensão entre o corriqueiro, o popular, o cotidiano por um lado e o estranho, o enigmático, o hermético, por outro lado, é também uma característica do romance todo. Aliás, diferentemente de muitas outras palavras do livro, esta não é um neologismo rosiano, pois é uma palavra popular e meio antiquada, caída em desuso hoje, que se encontra em vários autores do século XIX e do início do século XX, inclusive em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Como vou traduzi-la? Ainda não sei, estou procurando uma expressão mais ou menos equivalente que também seja curta e concisa, popular, meio datada, e que tenha, no plano sonoro, pelo menos um elemento repetitivo, já que “nonada” tem até dois fonemas repetidos, o “n” e o “a”. Infelizmente, em alemão não temos uma palavra equivalente em termos semânticos, estilísticos e fonéticos, diferentemente do italiano, que tem “nonnulla”, ou o francês, que tem “que nenni”, e também não posso fazer o que fizeram os tradutores para o espanhol, que simplesmente mantêm “nonada”, que é neologismo em espanhol, mas que funciona nesse idioma, já que tem aí uma qualidade autoexplicativa. Em quatro das seis ocorrências, a palavra “nonada” constitui uma frase, o que não facilita a tarefa do tradutor. Estou cogitando diversas soluções, mas nenhuma me agrada muito. Antes de tomar uma decisão sobre a tradução desta palavra introdutória do li-

vro todo, tenho que ver como os possíveis equivalentes funcionam nas outras cinco ocorrências de “nonada”. Pois quando a gente traduz uma palavra-chave com várias ocorrências, a gente deve tentar manter essa isotopia, ou seja, a igualdade do meio expressivo em todas as suas ocorrências, para que ele possa ser identificado pelo leitor do texto-alvo como elemento estruturador e orientador, função que tem no texto de partida e que o tradutor precisa respeitar. Em outras palavras: é desejável traduzir “nonada”, nas suas seis ocorrências, sempre de modo idêntico.

O senhor já traduziu outro clássico de nossa literatura, *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Apesar de ter um grau de complexidade imenso, não é um livro de linguagem, como *Grande sertão: veredas*. Em que sentido a tradução de *Os sertões* lhe ajudou em seus trabalhos como tradutor da língua portuguesa, mais especificamente na tradução de *Grande sertão: veredas*?

Os dois livros têm qualidades comparáveis, são obras canônicas da literatura brasileira, com um significado e um impacto que vão muito além da área literária e estética. São grandes interpretações do Brasil, com enorme influência nas mais diversas áreas da sociedade: geografia, história, política, educação, pensamento social, direito, psicologia social, fundamentais para a autoimagem dos brasileiros e para a sua imagem no exterior. São obras, além disso, apaixonantes, controvertidas inicialmente, mas que logo se tornaram livros *cult*, que, junto com os seus autores, são objetos de uma veneração que tem aspectos quase religiosos, os leitores formando uma espécie de confraria. Não há outros grandes autores brasileiros com o mesmo poder emocionante e apaixonante, nem Machado de Assis, nem Clarice Lispector ou Drummond. Existe uma certa filiação entre os dois livros, pois, como já

insinua o título da obra central de Guimarães Rosa, ela está baseada na leitura de *Os sertões*. Se a editora Hanser me escolheu como tradutor do *Grande sertão: veredas*, creio que o fez porque já traduzi a obra que inspirou este livro, que é *Os sertões*. Embora o sertão da Bahia não seja igual ao sertão do norte de Minas Gerais, sendo este menos seco do que aquele, há muitos elementos em comum, tanto na paisagem, como na organização da sociedade, na cultural material, mental e espiritual, a chamada civilização do couro: a fauna e flora adaptada ao clima árido, a luta do homem com a natureza adversa, a relação especial do sertanejo com o gado, o coronelismo, o cangaço e a jagunçagem, a onipresença da violência, a ausência da justiça e do Estado em geral, a intensa religiosidade popular.

Quando o senhor começou a tradução de *Grande sertão: veredas*, em que estágio ela se encontra hoje e quando pretende terminá-la?

Comecei em 2011, mais ou menos simultaneamente com a minha atividade como professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina. É uma feliz coincidência, posso estudar, entre outros assuntos, Guimarães Rosa como professor e como tradutor. Faz parte desta fase de pesquisa um trabalho tradutório que consiste na elaboração de três, quatro, cinco ou mais variantes em alemão, de cada frase. Espero poder terminar esta fase de experimentação até final de 2013. Depois, vai começar a fase mais difícil, que vai exigir uma dedicação total, ou seja, examinar todas essas versões no seu conjunto, ensaiando novas variantes e versões, lê-las em voz alta para experimentar o seu efeito sonoro, para finalmente tomar uma decisão sobre cada palavra, cada oração, cada período, cada parágrafo, o livro todo. Espero que a tradução do *Grande sertão: veredas* fique pronta em 2015.



Como foi a receptividade da tradução de *Os sertões* entre os leitores e críticos de seu país?

A recepção de *Krieg im sertão* ('Guerra no sertão'), publicada em 1994, foi fantástica, o livro foi um sucesso de crítica, nem tanto de venda, pois a primeira edição, de capa dura, custava 100 marcos (50 euros), mas em 2000 saiu uma edição de bolso, bem barata, que custava apenas 15 euros. Ambas as edições estão esgotadas faz muitos anos, mas em 2013, por ocasião da Feira do Livro de Frankfurt, em que o Brasil será o convidado de honra, sairá uma nova edição que, espero, seja financeiramente acessível para um grande público. Saíram muitíssimas resenhas em jornais e revistas da Alemanha, Suíça e Áustria, até na rádio e televisão, e fui convidado para numerosas leituras públicas, pois isto é um hábito e uma tradição na Alemanha: leituras públicas de livros literários, incluindo debate com o público,

em casas da cultura, livrarias, universidades. O que ajudou um pouco a recepção foi o romance de Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*, publicado em 1982, em língua alemã, e que criou, junto com a propaganda em favor de Euclides da Cunha por parte de Vargas Llosa, que é muito conhecido na Alemanha, um clima de expectativa propício para *Os sertões*. Os melhores críticos saudaram *Krieg im Sertão* como uma grande interpretação do Brasil, uma grande obra histórica, antropológica, como denúncia das tendências bárbaras da própria civilização, e como grande obra literária, apesar de criticarem também elementos do pensamento racista em Euclides, típico na época, por volta de 1900, no mundo inteiro.

Outro traço peculiar da literatura de Guimarães Rosa é o aspecto visual das cenas que o escritor descreve. Como sua tradução pretende deixar "visível" o cená-

rio rosiano a um alemão que nunca viu o sertão? Há uma paisagem na Alemanha que se aproxime de nossa caatinga?

Não há paisagem parecida na Alemanha, mas muitos leitores terão visto filmes sobre o sertão, de Glauber Rocha, de Nelson Pereira dos Santos, de Ruy Guerra, de Walter Salles, de Karim Aïnouz e outros, ou reportagens na televisão, ou lido artigos com fotos em jornais e revistas, e terão lido outros livros, como os mencionados, de Euclides da Cunha e Vargas Llosa, ou de Graciliano Ramos, em alemão. Hoje, o sertão pertence às paisagens da literatura universal, como a Normandia, a Bretanha, o Vale do Reno, a Toscana, o Peloponeso, as montanhas da Escócia, La Mancha, a Toscana, o Pampa, o Faroeste, as grandes cidades do mundo. Isto facilita a recepção do *Grande sertão: veredas*. Além disso, existe a internet, onde qualquer leitor pode se informar, inclusive através de fotos e filmes, para ter uma ideia plástica e

viva do sertão, de cem anos atrás e de hoje. E precisamos confiar também no poder evocador e imagético do autor e do seu aliado, o tradutor.

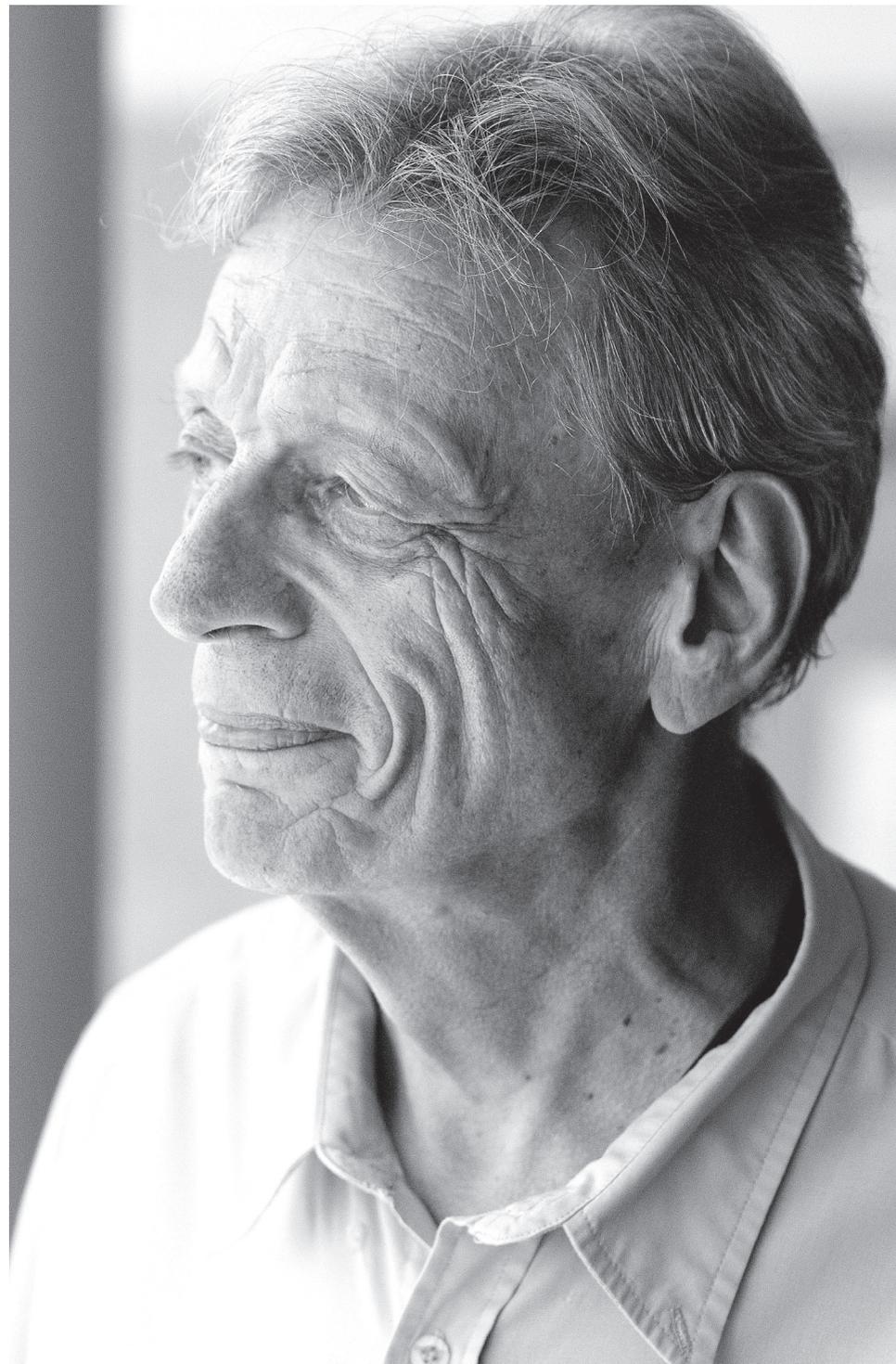
Além da questão linguística, *Grande sertão: veredas* é, também, quase um *western*, com infundáveis cenas de batalhas entre grupos de jagunços, que ajudam a dar ritmo ao romance. Ou seja, é um livro de "linguagem", mas que não abdica de contar boas histórias. Para o senhor, essa fusão, feita com precisão, é o que faz de *Grande sertão* um grande romance?

Grande sertão: veredas tem realmente muitos aspectos e muitas qualidades, é um romance de amor, de relações de gênero, também um romance confessional, quase "terapêutico" ou psicanalítico, e pode ser lido também como romance de aventura e até de guerra, cheio de escaramuças e batalhas entre pequenos exércitos irregulares e até regulares, pois a polícia e as forças armadas também participam das intermináveis correrias e lutas no sertão. Essas ações têm um alto valor de entretenimento, têm suspense, permitem identificação, simpatia, antipatia, rejeição com respeito a certos personagens. Também tem o lado ético, é uma luta entre as forças do bem e do mal, uma busca permanente de paz e justiça, contra as forças destrutivas dentro do homem e entre os homens. Pode-se fazer uma leitura de faroeste, pois tem muitos elementos em comum, uma sociedade basicamente masculina e machista, de homens que vivem cavalgando pela vastidão das paisagens mais ou menos inóspitas, longe das grandes cidades e do litoral, terras parecidas com as savanas e pradarias. Mas, em termos sociais e psicológicos, sem falar das qualidades estéticas, o romance rosiano é muito mais sofisticado, pois mostra que o bem e o mal estão intimamente ligados, e que um pode se transformar no outro e vice-versa, sem que se apregoe um relativismo

ético. Pois a procura do bem, da justiça e da paz é um fio condutor, uma constante pergunta, sem resposta, solução ou receita definitiva. Suponho e espero que os leitores da futura tradução deem prioridade para dois tipos de interpretação: uma mais antropológica e política, vendo no sertão uma região que tem aspectos de um Estado falido, sem instituições capazes de satisfazer as necessidades básicas da população em termos de segurança, moradia, alimentação, justiça, educação, saúde, pois é dominada pela violência dos mais fortes ou mais astutos, dos mais poderosos, mais violentos e mais traiçoeiros. E nesse cosmos regional, que reflete situações frequentíssimas na história e também no mundo de hoje, surgem de vez em quando personalidades “civilizadoras” querendo impor a ordem, a paz, a justiça, alguma cultura, sabedoria: Medeiro Vaz, Zé Bebelo, Joca Ramiro, o próprio Riobaldo, o governo anônimo, Diadorim, de certa forma, o compadre Quelemém, este uma autoridade puramente espiritual. Todos falham, pelas mais diversas razões, por falhas próprias ou estruturais e institucionais, ou metafísicas, depende muito da interpretação, mas falham de uma maneira muito elucidativa e emocionante. E naturalmente, haverá muita curiosidade em conhecer as muito elogiadas qualidades estéticas do livro, de modo que o tradutor tem que se esforçar por fazer jus a elas. De qualquer forma, entre leitores e críticos que têm noções de literatura latinoamericana, e entre os especialistas das culturas do subcontinente, sejam leitores cultos, jornalistas ou professores universitários, há unanimidade de que *Grande sertão: veredas* é uma obra-prima da literatura universal, de modo que existe grande interesse por esse romance.

Que tipo de leitor, em seu país, pode se interessar por *Grande sertão: veredas*, um livro considerado “difícil”?

Os leitores devem ser estudantes univer-



sitários e sobretudo pessoas que gostam da boa literatura, esteticamente exigente e antropológicamente interessante, com alguma qualidade de entretenimento. Serão os leitores da editora Hanser, que vem publicando toda uma série de novas traduções de obras clássicas da literatura universal, como por exemplo a *Iliada*, *Dom*

Quixote, *O vermelho e o negro*, *Madame Bovary*, *Moby Dick*, *Anna Karenina*, *Guerre e paz*. Este é o contexto de recepção em que será lida a futura tradução alemã de *Grande sertão: veredas*.

O senhor conhece a literatura brasileira contemporânea? Gostaria de traduzir al-

gum outro autor, que ainda esteja em atividade?

Simplemente me falta tempo para ler muitos livros recém-publicados das literaturas brasileira e alemã, para nem falar de outras literaturas, de modo que os meus conhecimentos são ecléticos e não permitem um juízo. Conheço melhor a literatura até os anos 1970 e 1980. Até 2015, estarei ocupado com Guimarães Rosa, de modo que a questão de fazer outra tradução não se coloca. Talvez depois eu me dedique mais ao ensaísmo e à crítica literária. E há muitos clássicos brasileiros e outros latino-americanos que mereceriam uma tradução, o que não quer dizer que eu seja tradutor deles, mas tem alguns nomes, que de vez em quando me passam pela cabeça: Manuel Antônio de Almeida, Lucio Mansilla (autor argentino), Machado de Assis (algumas crônicas e contos, o romance *Esau e Jacó*), Euclides da Cunha (os ensaios amazônicos), Lima Barreto (*Recordações do escrívão Isaías Caminha*), os três Andrades (Oswald, Mário e Carlos Drummond), Pagu (*Parque industrial*), Jorge de Lima, José Lins do Rego, também alguns clássicos traduzidos mereceriam uma revisão: Machado, Graciliano, Gilberto Freyre. E um clássico português: *Arte de furto*, de autor anônimo do século XVII, talvez uma ou outra coisa de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro, que também admiro. Mas é coisa ingrata procurar editora para um livro que a gente ama e gostaria de traduzir ou de ver traduzido. Em geral, as editoras tratam como um pedinte, e não reconhecem que você está prestando um favor a eles. Já cansei um pouco de procurar editora para os meus textos favoritos. Um autor vivo do qual gostaria de traduzir outros textos é Raduan Nassar, que infelizmente não escreve mais, há décadas, mas pelo qual tenho a maior admiração. Ainda tem alguns contos dele não traduzidos, se eu encontrasse uma editora, eu gostaria de assumir essa tarefa. ■

Para inglês ler

Décadas depois de suas primeiras publicações, cânones da literatura nacional gozam de grande prestígio e boa receptividade no mercado mundial

FELIPE KRYMINICE

Dalton Trevisan, em um de seus mais célebres textos, “Em busca de Curitiba perdida”, revela uma cidade para inglês ver. Nessa, ele não viaja. Prefere a sua Curitiba, que não tem pinheiros e onde o céu azul não é azul. Na narrativa, o contista crítica uma cidade que perde sua essência ao tentar se exhibir. Ironicamente, o autor que condena uma cidade para inglês ver teve sua obra, realmente, traduzida para inglês ler. As incursões de Nelsinho — personagem do *O vampiro de Curitiba* (1965) — e as desgraceiras de *Novelas nada exemplares* (1959) também tiveram edições publicadas em alemão, francês, holandês, espanhol e polonês.

A repercussão internacional da obra de Trevisan não se restringe às traduções. Mais do que as publicações do *Vampiro de Curitiba* em outros idiomas, o contista — dono de uma dicção particular, muitas vezes considerada um novo gênero — foi agraciado pelo Prêmio Camões de Literatura, em 2012. A premiação, por sua vez, é reconhecida como um dos prêmios de maior importância da literatura mundial.

A popularidade que alguns autores brasileiros têm encontrado pode ser

explicada por um casamento entre a literatura clássica e a contemporânea, conforme sugeriu Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, em uma postagem no seu *blog*: “Conseguimos uma estabilidade de vendas pouco usual nos dias de hoje publicando clássicos brasileiros com a gíngua de autores contemporâneos e tentando transformar os novos nomes da literatura brasileira em clássicos.”

Para além do autor curitibano e do controverso *best-seller* Paulo Coelho, traduzido em mais de 60 idiomas, clássicos da literatura brasileira aparecem com destaque entre os autores que mais são lidos no exterior. Por mais que nomes recentes da literatura contemporânea tenham conquistado leitores em outras línguas, são os grandes cânones da prosa e poesia brasileira que sustentam e alavancam a exportação de nossas letras.

Um ano rumo à eternidade

Entre os mais lidos no exterior, figuram clássicos como Clarice Lispector, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. Além da qualidade da obra em si, outros fatores interferem na projeção de um autor, conforme explica a agente literária Lúcia Riff. “Dependendo do país, ou da época, ou de alguma comemoração, ou do esforço da família do autor, ou do agente, um autor clássico pode estar mais em evidência do que outros.”

Prova da relevância que algumas comemorações podem ter foi observada — com muito destaque — neste ano. O centenário de Jorge Amado ganhou destaque internacional em meio à efeméride. Ao longo da temporada de comemorações de seu aniversário, foram realizadas



Clarice Lispector.

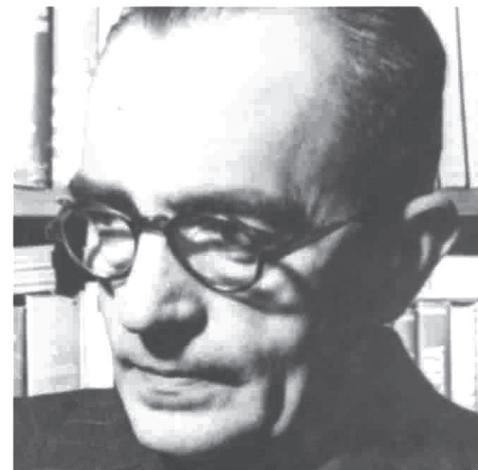


Guimarães Rosa.

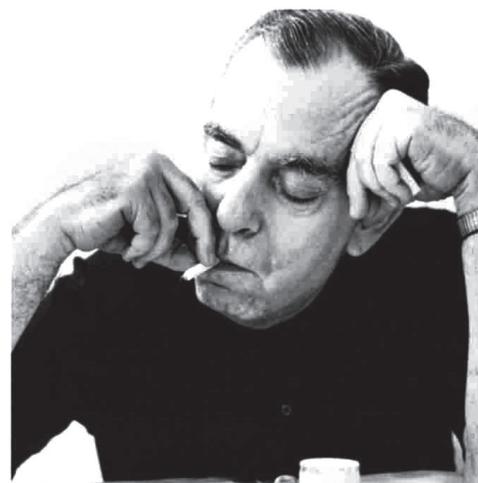


Jorge Amado

Alguns dos autores clássicos da literatura brasileira que estão traduzidos em várias línguas.



Graciliano Ramos.



Nelson Rodrigues.



Carlos Drummond de Andrade.

mostras de filmes na Itália, França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos. Colóquios na República Tcheca e em Portugal, além de exposição de artes plásticas na Finlândia. Todos os trabalhos inspirados na obra do autor baiano.

Clarice Lispector, por sua vez, também esteve em grande evidência em 2012. Os Estados Unidos, que têm fama de ser uma mercado avesso a traduções, abriu espaço nas livrarias para mais quatro obras de Clarice: *Perto do coração selvagem*, *Água viva*, *A paixão segundo G. H.* e *Um sopro de vida*. Todas pela editora New Directions, que, ano passado, já havia publicado *A hora da estrela*. A iniciativa repercutiu amplamente no país americano. Um artigo publicado por um periódico de Los Angeles chegou a comparar a autora brasileira à beleza da cantora alemã Marlene Dietrich e também ao estilo literário da consagrada autora britânica Virginia Woolf. Parte dessa badalação pode ser encarada como consequência da publicação da biografia de Clarice em inglês, pela editora Cosac Naify, em 2009.

Mas, apesar de toda festividade envolvendo alguns clássicos brasileiros, Lúcia Riff ressalta a dificuldade de difundir os cânones: “Manter uma obra clássica viva requer um imenso esforço e um trabalho conjunto da família, da editora brasileira, do agente (quando houver) e das editoras estrangeiras”, conta.

Pro sertão virar mar

Para o leitor mais atento, que leu os clássicos considerados leitura obrigatória para qualquer interessado em literatura, uma questão chama atenção: alguns autores, mesmo sustentando suas narrativas em ambientes particularíssimos e evidentemente locais, conseguiram ser universais. A qualidade da ficção de Graciliano Ramos rompeu os limites do sertão, sendo *Vidas secas* traduzido na Bulgária. Tão peculiar quanto a obra de Graciliano Ramos, impossível ficar in-

diferente ao sertão universal de Guimarães Rosa, publicado, entre outras línguas, no eslovaco e no norueguês.

Para Lúcia Riff, responsável por levar muitos nomes contemporâneos do Brasil para o mundo, a incerteza e a pouca lógica que muitas vezes envolvem o sucesso internacional de um autor evidenciam uma rara curiosidade. “É possível, ainda que um tanto raro, que autores encontrem sucesso no exterior maior do que em seus próprios países — isso vale também para alguns estrangeiros que figuram nas nossas listas de mais vendidos, mas chegam a ser desconhecidos em seus países de origem”, diz.

O sonho do clássico próprio

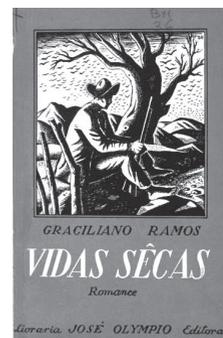
A gloriosa projeção internacional dos cânones brasileiros coloca em pauta uma questão: será que esse sucesso ficará restrito aos saudosos escritores finados? Se depender da qualidade literária de alguns autores contemporâneos, não. Qualidade essa destacada por Lúcia: “Nos dois casos, clássicos e contemporâneos, estou representando textos altamente literários, da maior qualidade”, destaca a agente responsável pela circulação mundial das obras de Zuenir Ventura, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Adélia Prado e Ariano Suassuna, entre tantos outros.

Alguns escritores brasileiros de uma nova geração têm sido alçados pela crítica à condição de futuros clássicos, indicando que a produção nacional ganha novo fôlego. Um dos que reforçam estes números é João Ubaldo Ribeiro. Autor do clássico *Viva o povo brasileiro*, traduziu do próprio punho algumas de suas obras para o inglês. Reforçando o time, Bernardo Carvalho, Milton Hatoum e Cristovão Tezza também acumulam publicações e leitores em outras terras. *Best-seller* de Tezza, *O filho eterno* já virou, entre outros, *Bambino per sempre* e *The eternal son*.

Agora o inglês só não lê se não quiser. ■

Literatura sem fronteiras

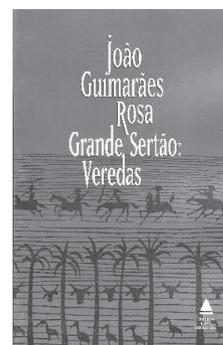
Alguns dos autores brasileiros mais lidos no exterior e suas principais traduções



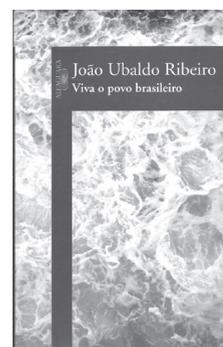
Graciliano Ramos
Búlgaro - Dinamarquês
- Finlandês - Húngaro
- Inglês - Polonês
- Romeno - Russo -
Tcheco - Turco



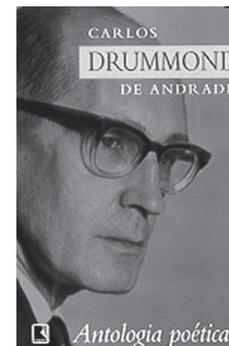
Clarice Lispector
Dinamarquês - Espanhol
- Inglês - Italiano -
Sueco - Tcheco



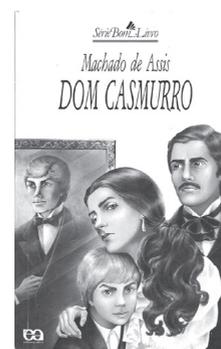
João Guimarães Rosa
Alemão - Dinamarquês
- Eslovaco - Espanhol
- Francês - Holandês
- Inglês - Italiano -
Norueguês - Tcheco



João Ubaldo Ribeiro
Alemão - Dinamarquês -
Espanhol - Francês - Hebraico
- Inglês - Italiano - Sueco



Carlos Drummond de Andrade
Alemão - Búlgaro -
Dinamarquês - Espanhol
- Francês - Holandês
- Inglês - Italiano -
Norueguês - Sueco



Machado de Assis
Árabe - Dinamarquês
- Estoniano - Hebraico -
Holandês - Inglês - Polonês -
Romeno - Sueco - Tcheco



Rubem Fonseca
Alemão - Inglês - Polonês -
Norueguês - Sueco

MAKING OF

Molecagem na veia

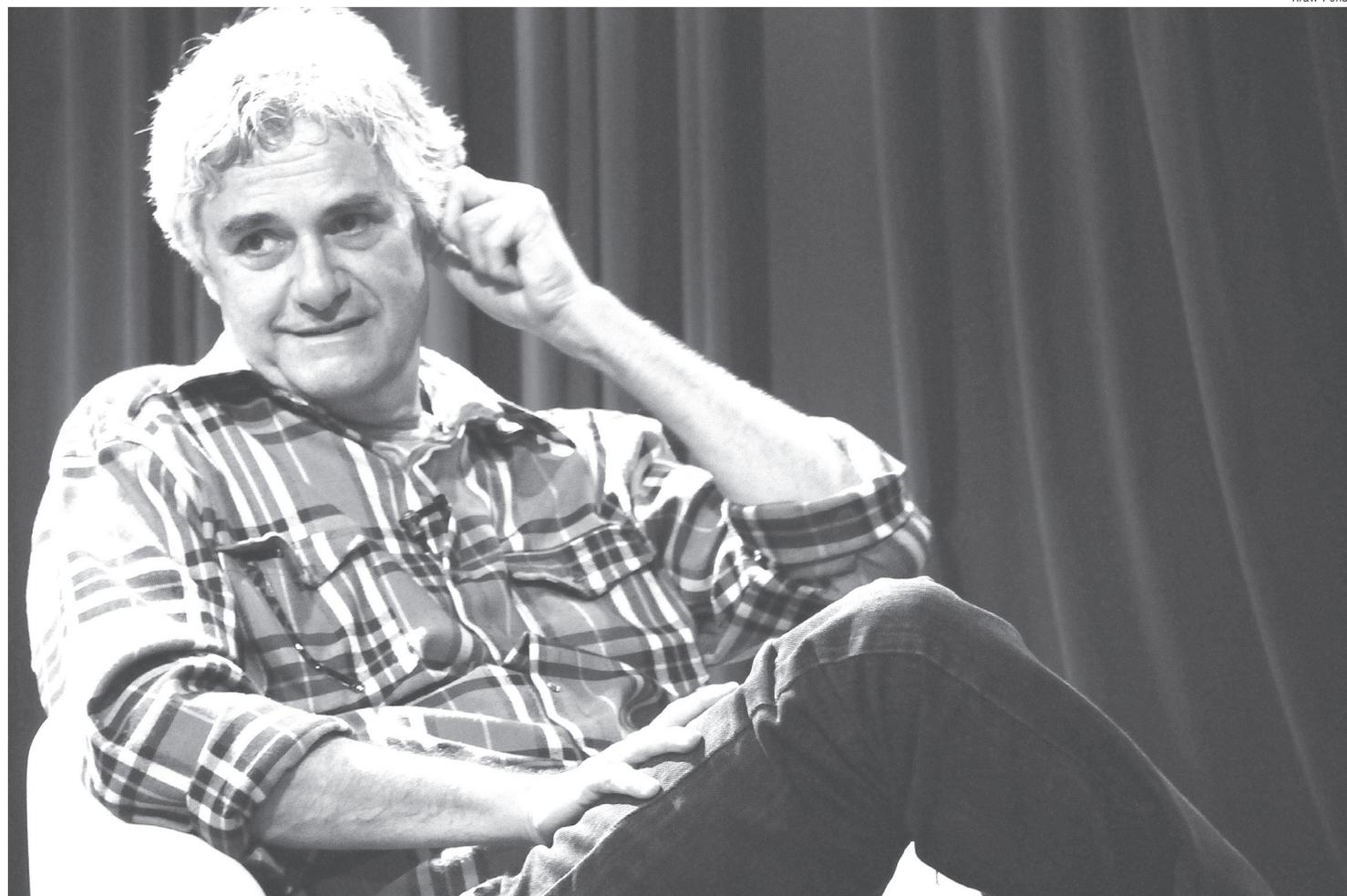
Reinaldo Moraes escreveu *Tanto faz*, um dos romances mais instigantes e festejados da literatura brasileira. As obras posteriores confirmariam o talento do autor

MARCIO RENATO DOS SANTOS

“Nem hoje eu sei o que quero da vida, imagina há 30 anos!”. Apesar da aparente despreensão, Reinaldo Moraes, evidentemente, não poderia ter conhecimento de seus futuros passos, mas escreveu — há mais de três décadas — um dos romances mais expressivos da literatura brasileira. *Tanto faz* saiu em 1981, pela editora Brasiliense — na coleção “Cantadas Literárias”, e é uma das estreias mais afirmativas da história recente.

Texto poderoso. Linguagem sofisticada e irresistível, com direito a oscilações da primeira para a terceira pessoa. Enredo que apresenta um personagem livre, leve e solto em Paris, enquanto a era militar entrava em decomposição nestes alegres trópicos. Visão de mundo crítica, mas com humor sobre nossas mazelas, nossas ruínas reais: “O Rio que a classe média vive agora é o Rio dos assaltos e das longas filas nos postos de gasolina”.

Entre outras qualidades e características, *Tanto faz* também traz reflexões sobre o fazer literário: “Disciplina pode dar certo pra aprender alemão ou perder a barriga, mas para escrever



O último beatnik: Moraes afinou o discurso de *Tanto faz* após reler, em Paris, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade.

— negativo. O importante é o saque, o tchans. Senão ficam aquelas frases que parecem o Penha-Lapa, apinhadas de palavras saindo pelas portas e janelas”

De fato, a exemplo do que o autor escreveu em sua obra de ficção, importante mesmo é o saque — e isso se aplica demais a *Tanto faz*. De acordo com o próprio Reinaldão — como ele é chamado pelos conhecidos —, a ideia-força que deflagrou o romance foi a seguinte: “Querida escrever uma espécie de diário ficcional, mas com forte base autobiográfica. A ideia amadureceu depois de eu ter lido *Notas de um velho*

safado, do Charles Bukowski, e relido *Memórias sentimentais de João Miramar*, do Oswald de Andrade, lá em Paris. Formalmente, a ideia era construir uma constelação de fragmentos.”

Formado em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, em 1975, Naldo — codinome que ele usa para assinar mensagens por e-mail — viajou para Paris com recursos de uma bolsa mista da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap) e do governo francês. Durante a estada, ele escreveu — entre julho de 1979 e 1981 — os 71 capítulos que

compõem a narrativa fragmentada.

Pé na rua

João Almino flanava em Paris no final da década de 1970, fazia doutorado e frequentava festas nas quais o cardápio incluía discussões sobre as ideias de Michel Foucault, Roland Barthes, Gilles Deleuze e outros pensadores. Em um desses encontros, ele conheceu Moraes, “Um cara legal, inteligente, culto e com muito humor”. Atualmente embaixador do Brasil em Madri, Almino leu — naquele contexto — os manuscritos do romance libertário. “Li *Tanto*

Kraw Penas

faz em primeira mão como uma espécie de *On the road* que não saía da cidade. Neste primeiro livro do Reinaldo, o que me atraiu foi a linguagem ágil”, comenta o diplomata e também escritor, autor dos romances *O livro das emoções* (2008) e *Cidade livre* (2010).

Naldo confirma que, a exemplo de Almino, outros interlocutores, e interlocutoras, leram a primeira versão de *Tantos faz*, em Paris e também no Brasil, quando ele retornou. “As reações foram muito boas: a turma parecia se divertir com o livro.”

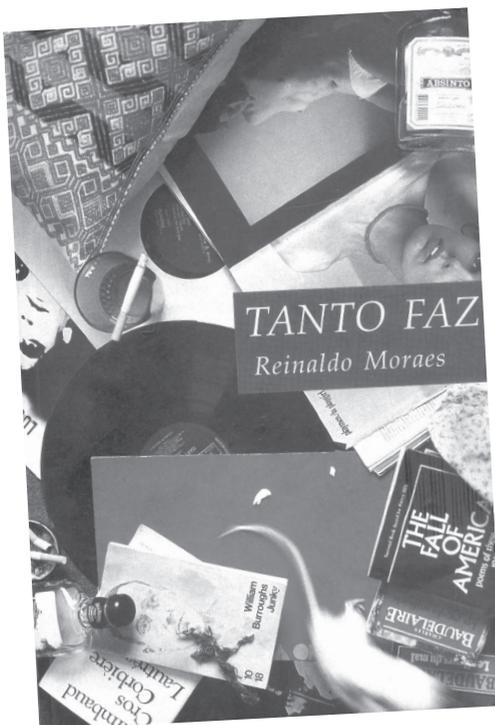
“É engraçado como o caminho do meu romance ficou paralelo ao caminho desse vidão que eu tô levando aqui. Não me refiro aos fatos narrados; os fatos não têm importância. Me refiro ao processo da coisa, sacumé?”

O trecho entre aspas do parágrafo anterior é do romance, mas houve quem tentasse ver no protagonista Ricardo mero espelho do autor. Evidentemente, a narrativa não é, não era, um boletim de ocorrência das venturas, e desventuras, de Moraes. Mais que tudo, *Tanto faz* é resultado de muito trabalho. Questionado sobre quantas vezes escreveu — à mão e na máquina de escrever — antes de publicar, ele é sucinto: “Uma porrada [de vezes]”. “Reescrevia sem parar, inclusive na fase das provas”, completa.

Após retoques, outras revisões e tapas, Reinaldão colocou o pé na rua em busca de uma editora. Bateu na porta da Moderna, que recusou. Na extinta CODECRI (do Pasquim), recebeu sim. “Mas o cara que aceitou morreu, ou algo assim.” A Brasiliense — enfim — aceitou, e o resto (já) é história.

Má companhia

Quando *Tanto faz* chegou às livrarias, em 1981, Alvaro Costa e Silva se preparava para fazer vestibular e, no ano seguinte, teve de cumprir o serviço militar obrigatório — no Exército. Ele



Com tiragem de mil exemplares, *Tanto faz* saiu com nova edição pela editora Azougue em 2003.

teria contato com o romance anos após o lançamento, quando o livro de estreia de Reinaldão começava a ser considerado *cult*. “E a expectativa só se confirmou: um livro libertário, engraçado, com perfeito uso de certa linguagem coloquial. Mas, repare, é um coloquial que só o Reinaldo tem ou que só funciona com ele”, diz o jornalista cultural carioca conhecido como Marechal, que se notabilizou por escrever, durante muitos anos, no *Jornal do Brasil*.

Pela Brasiliense, saíram três edições. A Azougue Editorial reeditou o romance em 2003 e, ano passado, a Companhia das Letras publicou — pelo selo Má Companhia — *Tanto faz* seguido do segundo livro de Moraes, *Abacaxi* (1985). “Foi uma estreia das mais promissoras. Pena que depois do *Tanto Faz* e do *Abacaxi*, o Reinaldo tenha demorado tanto tempo para desovar outro livro de ficção. Ficamos, os seus admiradores, de certa maneira órfãos dele”, comenta Marechal.

Mesmo sem publicar livros, Naldo atravessou décadas escrevendo contos

e crônicas, veiculados em revistas, roteiros de filmes e telenovelas, peças de teatro e traduções — de Charles Bukowski e Thomas Pynchon. Em 2003, saiu a novela *A órbita dos caracóis*, e, em 2005, os contos de *Umidade* — até retornar ao romance com o festejado *Pornopopeia* (2009). “Na minha opinião, ele é hoje um dos maiores escritores do Brasil. E isso quer dizer que ele é um escritor totalmente diferente da maioria, porque prefere correr riscos, fazer livros que outros não teriam a coragem de fazer e assinar”, afirma o jornalista.

Para amanhã

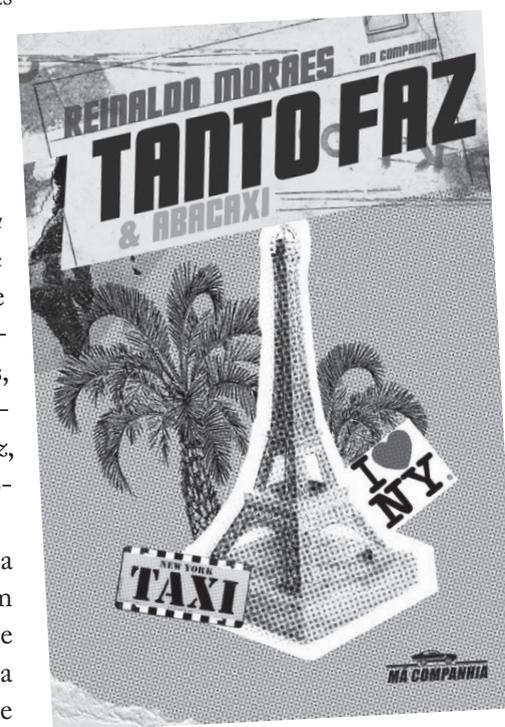
Moraes diz não identificar a ressonância de seu livro de estreia em obras de autores recentes. “Meu ouvido não é bom para ecos”. Alvaro Costa e Silva também considera difícil falar sobre a influência literária que Reinaldão exerceu em outros escritores. “Mas vejo pontos de contato entre a obra do Reinaldo e a autoficção de Marcelo Mirisola”, afirma o jornalista.

Mirisola confirma o comentário de Marechal, e faz uma confissão. “Escrevi um romance chamado *Teresa para amanhã* que era uma cópia brochante e datada do *Tanto faz*. Ainda bem que o abandonei. No entanto, aproveitei algumas coisas no *Herói devolvido*. Aliás, aproveitei muita coisa, diálogo escancarado”, diz o autor que, ao ler *Tanto faz*, se identificou imediatamente com o sotaque paulistano safado de Naldo.

“Devia ter uns 30 anos. Havia passado por Henry Miller há um bom tempo, e o Reinaldão bateu quase que do mesmo jeito. A diferença consistia basicamente no sotaque paulistano de classe média, um sotaque irresponsável e nada engajado, o qual me identifiquei de imediato. Daí o impacto: dessa diferença tão próxima e até então completamente inexplorada na literatura brasileira”, afirma Mirisola, que publicou, entre outros, *Bangalô* (2003), *Joana a contragosto* (2005) e *Charque* (2011), e



A 3ª e derradeira edição pela Brasiliense.



Dose dupla: a mais recente edição do romance que traz também *Abacaxi*, segundo livro de Moraes.

que — em sintonia com o protagonista inventado por Reinaldão — arre mata: “*Tanto faz* era molecagem na veia”. ■

Estante variada, leitor feliz

Um dos fundadores da Sutil Companhia de Teatro, o ator e diretor curitibano Guilherme Weber se diz “disponível” para qualquer tipo de literatura

OMAR GODOY

Surgida em Curitiba há quase 20 anos, a Sutil é uma das companhias de teatro brasileiras que mais apostam em adaptações de obras literárias contemporâneas. Seu portfólio inclui peças baseadas em livros de autores como Dalton Trevisan, Nick Hornby, Sam Lipsyte e até nos quadrinhos de Will Eisner. “Um grupo de artistas se reúne em uma sala com a obra de um autor. Depois de um tempo, saímos de lá com um espetáculo inédito e totalmente pessoal”, conta o ator e diretor Guilherme Weber, de 40 anos, cofundador da companhia com o amigo Felipe Hirsch.

Leitor assíduo e eclético, Weber cita uma frase do cineasta Federico Fellini para explicar seu paladar para livros: “Meu mestre é a disponibilidade”. “Sempre gostei desta afirmação. Acho que um leitor feliz se faz a partir da variedade. Literatura *pop* e alta literatura devem conviver em uma estante realizada. Nabokov e Hornby são vizinhos felizes na minha”, diz, justificando também a aproximação da Sutil com o *rock and roll*, o cinema e os quadrinhos.

Mas se engana quem pensa que o ator se interessou pelos livros por influ-



Fotos: divulgação

“A sorte de ler livros e autores certos nas épocas certas foi um privilégio que jamais deixou eu me afastar da leitura.”

ência dos grandes poetas do *rock*, como boa parte de sua geração. Incentivado pela família e a escola, Weber iniciou seu percurso literário muito cedo, “copiando” os adultos ao redor. “Tenho uma foto de quando era pequeno, sentado ao lado dos meus pais, que liam enquanto eu segurava um livrinho de cabeça para baixo, fingindo ler. Imitava o hábito deles, o que me faz pensar que pais leitores formam filhos leitores”, diz.

O artista também lembra que as crianças da casa só recebiam presentes em datas comemorativas — a não ser que pedissem livros, liberados a qualquer momento. Nessa primeira fase, envolveu-se com Monteiro Lobato, Érico Verissimo e a literatura policial de Maurice Leblanc e Agatha Christie (a preferida de sua avó). Outra “sorte”, segundo ele, foi ter estudado em um colégio cujo currículo incluía a disciplina “Biblioteca”, em que os alunos podiam mergulhar livremente no acervo da escola.

“Lá, encontrei uma enciclopédia sobre a vida dos santos e descobri o prazer das biografias, além de um pouco de mitologia grega e narrativa fantástica. Lembro de ter uma tabela com a correspondência dos nomes dos deuses gregos para os romanos. Eu estudava aquilo como se fosse material para uma prova. A sorte de ler livros e autores certos nas épocas certas foi um privilégio que jamais deixou eu me afastar da leitura”, afirma.



Questionado sobre as primeiras obras que realmente o emocionaram, Weber tem as respostas na ponta da língua: *O jardim dos esquecidos* (V.C. Andrews), *Bibi meia longa* (Pippi Långstrump), *Capitães de areia* (Jorge Amado) e *O apanhador no campo de centeio* (JD Salinger). Este último, ele conta, foi seu primeiro contato com uma linguagem de estilo. “As peripécias de Holden Caulfield por Nova York durante um final de semana marcaram na minha vida a transição entre a aventura e a alta literatura.”

Samuel Beckett também faz parte de seu cânone pessoal — seja por meio de textos teatrais, novelas, romances e estudos. “Foi o primeiro grande autor que eu li, que me marcou profundamente e me acompanha até hoje, ganhando cada vez mais fôlego na minha vida”, diz o ator, que também foi apresentado pelo teatro a Shakespeare, Tchecov, Molière, Jean Racine, Bernard Shaw, os gregos.

Entre os autores mais recentes, Weber destaca o que chama de “santíssi-

ma trindade norte-americana”, formada por Philip Roth, Saul Bellow e John Updike. Também celebra nomes como Joseph Brodsky, Vladimir Nabokov, Michael Cunningham e Don DeLillo. E cita brasileiros: Marcelo Mirisola (seu favorito entres os contemporâneos), João Gilberto Noll, Milton Hatoum, Santiago Nazarian, Raimundo Carrero e os conterrâneos Dalton Trevisan, Paulo Leminski, Manoel Carlos Karam, Wilson Bueno e Cristovão Tezza.

Com tantos autores na bagagem, o artista acredita que a “angústia da influência” paralisou uma possível carreira literária. O que não o impede de se aventurar em adaptações de livros para o teatro e o cinema. Em 2011, transformou *O altruísta*, de Nick Hornby, na peça homônima estrelada por Mariana Ximenez (e que marcou sua estreia na direção). Agora se prepara para dirigir o primeiro longa-metragem, *Deserto*, cujo roteiro, baseado num romance do mexicano David Toscana, leva a assinatura dele e da escritora carioca Ana Paula Maia.

“Beckett foi o primeiro grande autor que li, me marcou profundamente e me acompanha até hoje, ganhando cada vez mais fôlego na minha vida.”

“O primeiro passo para começar esse tipo de trabalho é entender que adaptar uma obra para outro veículo é, de alguma maneira, reescrevê-la. Mas, como Beckett dizia, a receita é ‘Fracassar. Fracassar de Novo. Fracassar Melhor’. É um bom mantra para seguir sonhos impossíveis e não desistir deles. A voz de Beckett ecoa muito no roteiro de *Deserto*”, afirma. ■



Ilustração:
Guilherme Caldas

SERAFIM BAILARINO

Pense num cara bonito. Num serafim bailarino, à prova de hesitações e armado de gentilezas. Pense num galã complexo, de unhas e sobranceiras perfeitas, mas trajas pobres e lindos, sapatos de segunda mão engraxados com perícia. Ou pense num nadador de ponta, um salva-vidas submerso em si próprio. Se quiser, acrescente à fantasia de sua preferência o calor de um olhar azulado, a boca de um efebo, um queixo bipartido. Sobre o peito largo do anjo, não deixe de notar sua coleção de medalhas de ouro e cachos dourados. Não tenha vergonha de se deixar seduzir por ele ou pelos estereótipos que o representam. Eles servem para encurtar a distância entre a realidade do personagem, tão impalpável, e o teu entendimento. Por isso, fique à vontade, são clichês úteis, pode usar. Misture todos e, sim, você quase terá adivinhado: este cara aí, na tua mente, sou eu, ou poderia ser, caso imaginar minha beleza fosse factível. Desculpe falar disso, mas há nela uma carga de perigo que narrativa alguma suporta. Me conceba logo, portanto, e como achar melhor. Não tentarei mais me descrever, não verbalmente. Basta que eu diga: pense num cara bonito. Num serafim bailarino. No mais, é preciso que você me veja.

Um anjo louro à solta na Praça Tiradentes, pode ser? É, estou sempre aqui, mas você não me enxergará se não for essa a tua necessidade. Para saber mais de mim, respire fundo. Sentiu o aroma de rosas e incensos no vento entre as figueiras? Note que ele não vem das casas de umbanda ao nosso redor. É o meu hálito, a minha transpiração noturna, que teima em não assentar. Nem mesmo dentro da catedral, onde passo a maior parte do tempo. Ali, você até será capaz de me farejar, espero que com prazer, mas nunca saberá o que os meus perfumes realmente prenunciam. Tenho como me esconder neles, me camuflar bem, camaleão de múltiplos recursos. Mudo de cheiro conforme as horas avançam. Faço vozes, imito pássaros, finjo de morto, viro estátua. Só apareço no momento adequado e à pessoa certa. Chegará a tua vez.

Até lá, aguardo quieto, atrás de uma coluna lateral, ou à sombra do púlpito, dentro das roupas que você me deu. Observo o entra-e-sai de fiéis no templo, homens ou mulheres, não

faz diferença para mim, imune a tantos venenos e açúcares. Não sou como você, vigio em paz, despreocupado, livre das tentações menores. Não me mexo, não pisco, não tremo. Posso ficar até dez, quinze minutos sem mover os pés, e muitos visitantes ou turistas, ao cruzarem comigo nesse estado, me confundem com uma imagem de santo mal acabada, comida de cupins, a tinta descascando. Nada que valha a pena fotografar, apenas um mártir mendicante, madeira que vai perdendo o verniz, esquecida num canto, à espera de algum remanejamento após a reforma recente do prédio. Ah, quanta dor na obscuridade, você sabe como é. Cubro metade do rosto com alguma peça de pano barata, um boné, uma aba de casaco, o cobertor de franjas com que oculto asas e armas. Não, não aprecio a invisibilidade, não particularmente, e a outra metade da minha cara, minguante, chega a brilhar de suor e contrariedade. Mas ninguém repara, nem você, e sumir dentro de mim e dos outros é parte fundamental do que faço, um dos meus grandes talentos.

Em geral, essa tocaia costuma ser breve, ainda bem. O trânsito na catedral é intenso, e não demora a se insinuar por ali um possível cliente, o primeiro do dia. Aí não tem erro, quando o vejo um alarme dispara aqui dentro: é este, vai fundo, mergulha. Já vai, eu digo. Às vezes é só uma ordem interior, uma cólica falante. Covarde, você a tomaria por uma indisposição estomacal, ou um espasmo no esôfago, não fala o idioma das vísceras. Pois saiba que cada arritmia nos guarda um conselho ancestral, uma mensagem decodificada. Eu escuto. Às vezes o que me bate é uma fome, e as fomes são graves, têm um timbre baixo, severo. Mas, dependendo da estação, o que pega mesmo são as brotoejas, e então me vem uma ardência no peito que depilei de manhãzinha, uma coceira nas virilhas quase lisas, os pelos crescendo cada vez mais duros, grossos. Resisto fácil a esse chamado da pele, nosso imenso órgão mudo, esse país que nos envolve, não me coço, e não abandono minha posição de predador até receber um novo sinal, que corrobore minhas impressões iniciais. Peço ao meu comandante uma última confirmação, algo externo ao meu território físico, às fronteiras da minha encarnação terrestre, e o vi-

tral que retrata a anunciação estala alto, à medida que a manhã esquenta. Excelente, penso. Um pombo supostamente perdido cruza o ar empoeirado e deixa cair duas ou três penas sobre o indivíduo em questão. É ele, comemoro, é hora de agir, vai, vai.

Mas ainda não. Um pouco mais de cuidado. Sempre espero que meus alvos, masculinos ou femininos, se dirijam a um banco, quero que se ajoelhem ou sentem logo e, atenção, isto é importante: evito as mulheres que acendem velas — e são sempre mulheres a acender velas. Não estão no ponto. Calmas, desfilam até as mesinhas indicadas à entrada da catedral e depositam ali a pequena chama de sua fé. A premeditação desse gesto, às vezes diário ou semanal, acusa uma tranquilidade que me exaspera. Rezam como quem repete um mantra, a segurança inabalável, os cochichos de robô. De onde vem essa gente, onde aprenderam a gíria das máquinas? Desconheço o deus que as atende. Confiam nas palavras mais que no verbo. Não sabem que prece boa é a de improviso, a oração ridícula, aberta ao equívoco, às interpretações duvidosas? Pois prefiro os homens simples, quase analfabetos, as vítimas humilhadas da cultura e do mercado. Ou as moças que entram na catedral sem pensar, sem saber que entraram. Aquelas que estão de passagem pela Tiradentes e, ao desembarcarem na estação-tubo, a caminho do trabalho, das compras de Natal ou do médico, radiografia em punho, subitamente afoqueadas, ouvem a brisa introduzir a praga entre seus brincos de argola, sussurrar a sugestão de uma moléstia já avançada, um comando de morte. Ah, essas são as melhores. Vivem uma angústia que ninguém nomeia, sempre tomadas por um medo ou um desejo qualquer, impronunciável como as doenças ruins de antigamente, tão perigosas de invocar. Essas mulheres, sim, me surgem ariscas, desafiadoras, o sinal-da-cruz longe de combinar com a maquiagem, com o vestido de passear no Centro, a sandália de cortiça alta, e, desequilibradas de nascença, mais caem que se ajoelham. Desabam sobre o genuflexório. Adoro drama, as quedas são ótimas e o choro, recorrente. Elas gemem com desgosto e surpresa, sempre pedindo, pedindo, pedindo alguma coisa, mas nunca o perdão, jamais. O que elas querem? Ora, o

EM BUSCA DE CURITIBA | LUÍS HENRIQUE PELLANDA

mesmo que você: uma ajuda com as contas, um atalho para o sucesso, um favor político, a restituição de um amor, a saúde eterna. Uma história digna, quem sabe? Mas não, nunca querem uma esperança, querem certezas.

Enquanto choram, adianto o meu trabalho. Aproveito para, aos poucos, religar o corpo. Discretamente alongo o pescoço fino e musculoso, as articulações dos tornozelos, dos pulsos, dos joelhos. Tudo funcionando. Estralo as vértebras uma a uma, de cima para baixo, minha coluna já pertenceu a uma cobra mítica, e cresço uns cinco centímetros. Retiro do bolso uma velha lixa de aço inoxidável; no cabo, esculpida, uma linda princesinha de véus rosados. Me aproximo do suplicante da vez, em silêncio, e me acomodo na extremidade oposta do banco onde ancorou seus sofrimentos. Não peço licença, não me apresento. Fico ali, calado durante trinta, quarenta segundos, um minuto ou mais, lixando as unhas, à espera do contato. Sou forte de paciência, não gosto de apressar uma abordagem, e essa gente é assim mesmo, autocentrada, demora a perceber que alguém as observa. Rezar, além do mais, é uma atividade egoísta, um ato de petulância extrema, é chamar Deus para uma reunião de emergência, e para tratar de interesses rigorosamente pessoais.

No fundo, ele não liga. É como você, gosta de conversar. Sei disso porque passamos muito tempo juntos, sabe? Eu e as nuvens lá em cima. E Deus, para mim, são elas, as nuvens. Seus braços, suas mãos, seus dedos sobre nós, sempre em movimento, em mágica suspensão. Quando quero encontrá-lo, olho para o céu. Se ele estiver azul ou estrelado, não o vejo, me preocupo, para onde foi? Mas se o céu estiver encoberto, sei que estamos protegidos. Nesse sentido, tua cidade, com esse firmamento grisalho, é boa e abençoada, e as barbas de Deus, você verá, se sonhar com elas, têm a mesma cor de cinza.

Assim, quando finalmente faço o contato, o ambiente da catedral se escurece. A pessoa ao meu lado interrompe o choro, a atenção atraída por uma isca insuspeitada, e vira o rosto em minha direção, um anjo de luz a dividir com ela a aflição e o assento, as unhas plenas de

esmalte e purpurina, o sorriso sóbrio, denotando experiência, empatia e, não vou negar, sensualidade. Ensaio, então, um ou dois meneios de cabeça, a auréola refulgente, receita infalível de comoção: sim, eu te compreendo, alcanço a tua dor, pode ficar sossegado, vai dar tudo certo. Ah, sim, eu pressinto as nuvens se acumulando sobre o templo, e minha beleza resplandece nessa penumbra, desnorteia quem a vê. Às vezes chove e, quando troveja ou relampeia, o efeito é bárbaro, colho reações de vários tipos. Alguns, ao me verem, riem sem motivo, e logo retomam o choro, agradecidos por algo que sequer apreenderam racionalmente. Outros se levantam, no susto, e se afastam depressa, trôpegos, temendo o inexplicável em meus caracóis. Há os que soltam um grito curto, e depois me pedem desculpas. Eu respondo que está tudo bem, e que sempre estará tudo bem, que podem ir, suas preces serão consideradas. Sugiro que partam em paz e eles partem, obedientes. Mesmo os que tentam uma aproximação mais ousada, perplexos com a minha aparição, mesmo os que arranjam pretextos para tocar meus antebraços, os que perguntam pelo significado dos códigos tatuados ali. Respondo que são números secretos, a senha de uma conta especial, onde Deus deposita o salário dos anjos, um cofre que todo homem ou mulher julgaria vazio, se pudesse abri-lo.

Em geral, isso é tudo que acontece, umas cinco, seis vezes até o fim da tarde. Acha pouco? Sei que não. Quando criança, lembre-se, você queria ser salva-vidas. Bem cedo entendeu que, se Deus nos dá uma série de qualidades, ele tem um plano para elas. Inteligência, charme, velocidade, força, determinação, poder de sedução e convencimento, habilidade para mentir, facilidade para matar. Sei que fui designado para missões aparentemente menos banais, mas a humanidade e eu temos algo em comum: ainda estamos no começo. Pode acreditar. Coisas grandes estão agendadas para nós, eu te garanto. Não foi à toa que tive um passado de erudição, uma educação na elite. Se você duvida, te desafio a explicar a minha sensibilidade, a maneira elegante pela qual me expressei, inclusive corporalmente, ou as treze línguas, mortas ou moribundas, que aprendi sem estu-

dar. Falo com as plantas, você já falou? Com as tipuanas da Ébano, as palmeiras da Cândid Lopes, as floresiras da Boca, e até com os pinhões de petit-pavé. Falo com eles, e transcrevo essas conversas todas, está tudo gravado no alto dos prédios da região, veja, não é segredo algum, as pichações dão conta do futuro que nos aguarda, um futuro que eu também sei de no emaranhamento das raízes que se erguem rasgam as calçadas de Curitiba, no verde histórico das tiribas e dos butiazeiros da Osório no desenho das folhas secas de plátano sobre o asfalto do Passeio Público. Conheço o futuro, e, fique sabendo, tenho uma péssima notícia respeito: ele é de esperança. Pode espalhar por aí, meu amigo: esperança.

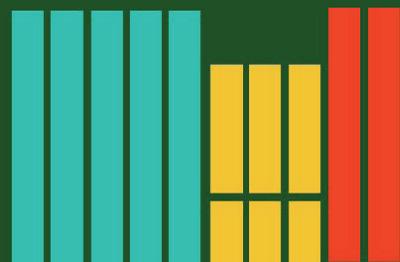
Assim, quando anoitece, adormeço ser sobressaltos. Se não feliz, satisfeito. Antedança sob a marquise da Biblioteca Pública. E quando enfim me permito aparecer para todo: e até para você, caso tenha gosto para o balcão. Trata-se de uma peça breve, um ritual de celebração da vida. Meus parceiros de rua agradecem, aplaudem minha arte. Danço para eles, o meus meninos queridos, e logo me vejo cercado por longas serpentes de fumo e de fogo. Depois, dormimos todos enrodilhados, abraçados: velados pelo céu laranja das noites daqui, e me perfume de rosas e incensos nos embala e em briaga, faz florescer as figueiras da Tiradente: sobe e volta das nuvens.

Quando amanhece, espero abrirem Biblioteca, entro e vou ao banheiro cuidar da minha higiene. Tiro a peruca e a escovo com cuidado. Penduro meus colares na torneira, largo a tiara, os anéis na pia. Lavo o rosto, o crânio raspado, as lentes azuis. Com minha lixa de aço, ataco a cidade debaixo destas unhas. Retoco as sobrancelhas, passo uma gilete no peito, na penugem do queixo, um batom bege. E venho secar minhas seis asas no bafo aqui fora, sob o mormaço que nos protege.

Está me vendo agora? Eu sou este cara aí, na tua mente. Então acorde e lute comigo, ou dance comigo, a escolha é tua. Só não tente me descrever, nem roubar o meu trabalho, ou usurpar a minha espada. Não me transforme numa ficção limpa e lógica. Os cemitérios já estão cheios de anjos de pedra.



Luís Henrique Pellanda nasceu em 1973. É escritor, jornalista e músico. Autor dos livros *O macaco ornamental* (2009) e *Nós passaremos em branco* (2011). Vive em Curitiba (PR).



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

OFICINA

mediação de

LEITURA

01 e 08 | dezembro

Informações 41 3221 4974

MÚSICA

NA BIBLIOTECA

Sextas-feiras | 17h30

Local Hall de entrada da BPP

FESTA

DE NATAL

SEÇÃO INFANTIL

07 | dezembro

Informações 41 3221 4980

Local Seção Infantil da BPP

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 (41) 3221 4917
www.bpp.pr.gov.br





RETRATO DE UM ARTISTA HILDA HILST

HILDA HILST

Por Manuel Depetris

Hilda Hilst nasceu em Jaú, São Paulo, em 1930. Formada em Direito, exerceu a profissão durante um ano. Poeta, ficcionista, dramaturga e cronista, seu primeiro livro, *Presságio*, foi publicado em 1950. Entre seus mais 50 livros, destacam-se *Sete cantos do poeta para o anjo* (1962), *Ficções* (1977) e *Cascos e carícias: crônicas reunidas* (2000). Recebeu os prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), pelo conjunto da obra (1981), e Jabuti (1977 e 1984). Sua obra foi traduzida para o alemão, francês, inglês, italiano e espanhol. Em 1965, mudou-se para Campinas, onde construiu sua residência na área rural denominada Casa do Sol. Escritores como Caio Fernando Abreu hospedaram-se no local, transformando-o num centro de fomento cultural das décadas de 1970 e 1980. Hilda Hilst morou na Casa do Sol até o seu falecimento, em 4 de fevereiro de 2004.



Manuel Depetris nasceu em 1985 e é ilustrador. Estudou na Escuela de Bellas Artes de la Universidad Nacional de Rosario. Vive em Rosário (AR).

